



Raquel Fernanda Castro Barroso

**PERSPETIVA INTERGERACIONAL DO PROCESSO DE ADOÇÃO
CADEIAS INTERGERACIONAIS DA COMUNICAÇÃO SOBRE A
ADOÇÃO: AVÓS, PAIS E NETOS.
*ESTUDO EXPLORATÓRIO.***

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
2011**

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**PERSPETIVA INTERGERACIONAL DO PROCESSO DE ADOÇÃO
CADEIAS INTERGERACIONAIS DA COMUNICAÇÃO SOBRE A ADOÇÃO:
AVÓS, PAIS E NETOS.
*ESTUDO EXPLORATÓRIO***

Raquel Fernanda Castro Barroso

Outubro 2011

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado em Psicologia
Especialização em Intervenção Psicológica, Educação e Desenvolvimento Humano
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto
Orientação da Professora Doutora Maria Adelina Barbosa Ducharne

Agradecimentos

Foram muitas as pessoas que tiveram um papel preponderante para a realização deste estudo. A todas elas agradeço a sua importância.

A todas as famílias que me abriram as portas dos seus lares para partilharem emoções, momentos, memórias e vivências... O meu muito Obrigada. Este trabalho só foi possível com a sua colaboração e envolvimento.

À Doutora Maria Adelina Barbosa, pelo apoio prestado, pelas aprendizagens proporcionadas, pela energia de viver, pelo poder de acreditar e fazer acreditar, pela confiança depositada, pela tranquilidade apaziguadora nos momentos mais difíceis, pelo sorriso e brilho no olhar... Muito Obrigada.

Às minhas colegas de mestrado, pela ajuda fundamental neste processo, pelas aprendizagens e pelas partilhas, em especial à Ana Monteiro pela partilha de todas as experiências da recolha de dados e aprendizagens adquiridas.

À Joana Ferreira pela disponibilidade, preocupação e contributo enriquecedor, Obrigada!

A todos os meus amigos por perceberem as minhas ausências, por me apoiarem e perceberem a importância que este trabalho tinha para mim... Obrigada!

À Joana Costa pela amizade construída nas viagens e nas nossas aventuras, pelo apoio, carinho e sorriso sempre presente... pela partilha de tantas angústias, sorrisos e lágrimas... este percurso não teria o mesmo significado sem ti e sem as nossas inquietações e inseguranças!

À Joana, pelo contributo na recolha de dados, pelas aprendizagens proporcionadas, pelos comentários sucessivos, atentos e oportunos, mas acima de tudo pela amizade, apoio e disponibilidade constantes.... Obrigada! És uma pessoa muito especial, e é a ti que devo um agradecimento especial, apesar de não ser fácil falar de ti... Agradeço-te pela paciência, pela motivação, pelo sorriso, pela compreensão, pela calma e racionalidade nos momentos mais turbulentos e por tudo o que partilhamos! Obrigada por fazeres com que cada momento tivesse mais significado... És uma verdadeira fonte de inspiração! Este projeto também é teu!

Ao Ruca pelas inquietudes que a sua entrada na família me provocou, por me aguçar a curiosidade das questões relacionadas com a adoção e por me despertar o gosto pela temática... A ti te devo a minha entrada neste Mundo!

Ao Martim, por conseguir um sorriso nas alturas mais difíceis, por ter o poder de me fazer deixar tudo para trás e despertar o melhor que há em mim... por ser o brilho dos meus olhos e por conseguir de forma tão inocente e genuína ensinar-me as melhores coisas da vida! És ainda tão pequenino mas tão importante... Muito obrigada!

Aos meus pais, porque é a eles que lhes devo o que sou e onde cheguei... Obrigada pelo apoio incondicional e pela presença constante. À minha mãe, pela força e vontade de viver que mostra todos os dias. Pela nunca desistência e pela tentativa de todos os dias ultrapassar mais um obstáculo... Por me ensinar a desvalorizar os aspetos mais insignificantes do dia a dia e me dar força para continuar e chegar até à meta! Muito Obrigada...

Ao Daniel, pelo carinho, disponibilidade, compreensão e amor. Foste capaz de me dar força nos momentos mais difíceis e de me fazer sorrir. Obrigada por perceberes as minhas ausências, pelo teu apoio incondicional e motivação prestados ao longo de toda esta caminhada. Obrigada por me fazeres acreditar e me deixares crescer ao teu lado!

Resumo

Considerando que uma família adotiva é acima de tudo uma família, que os avós são parte integrante das famílias e que atualmente as várias gerações da família têm cada vez mais oportunidades de convívio por períodos cada vez mais extensos, parece pertinente a introdução de uma abordagem intergeracional nos processos familiares, como na adoção. Assim, o grande objetivo deste estudo é a abordagem do processo de adoção numa perspetiva intergeracional que envolve avós, pais e netos adotados, e em particular, a exploração intergeracional da comunicação acerca da adoção como tarefa específica da família adotiva ao longo do ciclo de vida.

Participaram diretamente neste estudo 61 avós, 58 pais e 20 netos. Os instrumentos utilizados na recolha de dados foram a EAPA - Entrevista a Avós sobre o Processo de adoção, a EPA - Entrevista sobre o Processo de adoção e a ECAA - Entrevista a Crianças e Adolescentes sobre a adoção.

Os resultados permitem caracterizar de forma muito positiva a vivência do processo de adoção pelos avós, conduzindo à identificação de dois grupos de avós, quanto à comunicação acerca da adoção: grupo com uma postura de abertura na comunicação e grupo com uma postura de comunicação fechada. Relativamente aos pais verifica-se igualmente a existência de dois grupos diferentes no que diz respeito ao processo de comunicação acerca da adoção: grupo com uma postura de abertura na comunicação e grupo com uma postura de comunicação fechada. Do mesmo modo, os netos distinguem-se por pertencer a um de dois grupos, a saber, grupo de comunicação aberta e atempada e grupo de comunicação fechada e atrasada. Através da análise destes grupos no estudo das três gerações da família, encontraram-se cinco tipos de cadeias intergeracionais de comunicação nas famílias, que se distinguem pela continuidade ou descontinuidade de abertura intergeracional da comunicação sobre a adoção.

Os resultados deste estudo salientam-se pela importância que possam assumir para todas as pessoas que estão diretamente ligadas à área da adoção, nomeadamente investigadores e profissionais, na medida em que fornecem informações sobre a forma como os avós vivem o processo de adoção, sobre as suas conceções de família adotiva e adoção e ainda acerca do seu papel no processo de comunicação da adoção. Destacam-se os resultados acerca da forma como é vivido o processo de comunicação acerca da adoção no seio da família, nas três gerações que a compõem: avós, pais e netos.

Os resultados evocam a necessidade de equacionar em novos moldes a prática profissional em adoção, incluindo o sistema grã-parental na formação dos pais e sugerem pistas de investigação inovadoras, nomeadamente a nível da comunicação familiar sobre adoção.

Abstract

Considering that an adoptive family is above all a family, that the grandparents are an integral part of a family and that currently the various generations of a family have more opportunities for interaction for increasingly extended periods of time, it seems appropriate to introduce an intergenerational approach in family processes, such as a adoption. Thus, the major objective of this study is to approach the process of adoption in an intergenerational perspective that involves grandparents, parents and adopted grandchildren, and in particular the exploration of intergenerational communication about adoption as a specific task of the adoptive family throughout the life cycle.

In this study participated 61 grandparents, 58 parents and 20 grandchildren. The instruments used in the collection of data were EAPA - Interview with the Grandparents about the Adoption Process, the EPA - Interview about the Adoption Process and the ECAA - Interview with the Children and Adolescents about the Adoption.

The results allow to characterize in a very positive way the experience of the adoption process by the grandparents, leading to the identification of two groups of grandparents with regard to the communication about adoption: the group with an attitude of openness communication and the group with an attitude of closed communication. For parents there is also the existence of two different groups with regard to the process of communication about adoption: the group with an attitude of openness communication and the group with an attitude of closed communication. Similarly, the grandchildren are distinguished by belonging to one of two groups, videlicet, a group with an open and timely communication and a group with a closed and delayed communication. Through the analysis of these groups in the study of the three generations of the family, we found five types of intergenerational chains of communication in the families, which are distinguished by the continuity or discontinuity of intergenerational communication openness about the adoption.

The results of this study are highlighted by the importance that they can assume to all the people that are directly related to the area of adoption, including researchers and professions, as they provide information on how the grandparents live the adoption process, on their conceptions of adoptive family and of adoption and also about their role in the process of communication about adoption. Noteworthy are the results on how the process of communication about adoption is lived within the families, in the three generations that make them up: grandparents, parents and grandchildren.

The results evoke the need to devise new ways of professional practice in adoption, including the grand-parental system in the training of parents, and they suggest innovative research clues, particularly in terms of the family communication about adoption.

Resumé

Considérant qu'une famille adoptive est avant tout une famille, que les grands-parents sont partie intégrante des familles et qu'à l'heure actuelle les diverses générations de la famille ont davantage d'opportunités d'être ensemble pour des périodes de plus en plus longues, il apparaît pertinent d'initier une approche intergénérationnelle des rapports dans les familles, aussi bien dans l'adoption. Ainsi, l'objet primordial de cette étude est d'aborder le processus de l'adoption dans une perspective intergénérationnelle qui comprend les grands-parents, parents et petits-enfants adoptés, et en particulier, l'exploration intergénérationnelle de la communication sur l'adoption en tant que tâche spécifique de la famille adoptive au long du cycle de vie.

Ont participé à cette étude 61 grands-parents, 58 parents et 20 petits-enfants. Les instruments utilisés pour la collecte des données furent l'EAPA – Entrevue des Grands-parents sur le procédé de l'adoption, l'EPA – Entrevue sur le processus de l'adoption et l'ECAA – Entrevue des enfants et des adolescents sur l'adoption.

Les résultats permettent de caractériser de manière très positive le vécu du processus d'adoption par les grands-parents, et conduisent à l'identification de deux groupes de grands-parents quant à la communication sur l'adoption : groupe ayant une attitude d'ouverture et groupe ayant une attitude de communication fermée. Concernant les parents, il se vérifie pareillement l'existence de deux groupes différents en ce qui concerne le processus de communication sur l'adoption : groupe ayant une attitude d'ouverture et groupe ayant une attitude de communication fermée. De la même manière, les petits-enfants se singularisent en appartenant à l'un des deux groupes, à savoir, celui de la communication ouverte et opportune et celui de la communication fermée et retardée. A travers l'analyse de ces groupes dans le cadre de l'étude des trois générations de la famille, se trouvent cinq types de chaînes intergénérationnelles de communication au sein des familles, lesquelles se distinguent par la continuité ou la discontinuité de l'ouverture intergénérationnelle de la communication sur l'adoption.

Les résultats de cette étude se distinguent particulièrement par l'importance qu'ils peuvent assumer pour toutes les personnes qui sont directement liées au domaine de l'adoption, notamment les investigateurs et professionnels, dans la mesure où ils fournissent des informations sur la manière dont les grands-parents vivent le processus de l'adoption, sur leur conception de la famille adoptive et de l'adoption et encore sur le rôle qui est le leur dans le processus de communication de l'adoption. Se distinguent les résultats sur la manière dont est vécu le processus de communication au sein des familles par les trois générations qui la composent : grands-parents, parents et petits-enfants.

Les résultats évoquent la nécessité de mettre en équation de nouvelles orientations dans la pratique professionnelle de l'adoption, en incluant le système grand-parental dans la formation des parents, et suggèrent des pistes de recherche innovantes, notamment au niveau de la communication familiale sur l'adoption.

Lista de Abreviaturas

FPCEUP – Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto

EAPA – Entrevista a Avós sobre o processo de Adoção

ECAA – Entrevista a Crianças e Adolescentes sobre a Adoção

EPA – Entrevista sobre o Processo de Adoção

IPA – Investigação sobre o Processo de Adoção – Perspetiva de Pais e Filhos

PASW –Predictive Analytics Software

SI - Modelo da Solidariedade Intergeracional

Índice

Introdução	1
-------------------------	----------

I. Microssistema relacional avós-netos no sistema ecológico da adoção

1. Microssistema relacional avós-netos	3
2. A ecologia da adoção.....	6
1.1. Microssistemas na adoção	8
1.2. Mesossistemas na adoção.....	13
1.3. Exossistema na adoção.....	14
1.4. Macrossistema na adoção.....	15
1.5. Cronossistema na adoção	17

II. Método

1. Objetivos.....	20
2. Participantes	20
3. Instrumentos	22
4. Procedimentos	23
4.1. <i>Procedimento de Seleção da Amostra</i>	23
4.2. <i>Procedimento da Recolha de Dados</i>	23
4.3. <i>Procedimento de Análise de Dados</i>	24

III. Resultados

1. Vivência da adoção.....	25
a. A chegada da criança.....	25
b. A criança na família	26
c. Consequências da adoção.....	27
d. Crenças sobre a adoção	28
e. Análise de correlações entre variáveis relativas à vivência da adoção.....	30
2. Conceito de adoção e de família adotiva	31
3. Comunicação sobre a adoção	33
a. Tipos de postura acerca da comunicação sobre a adoção nas famílias	37
4. Cadeias intergeracionais de comunicação	41

IV. Discussão de Resultados

1. Vivência da adoção.....	44
2. Conceito de adoção e de família adotiva	49
3. Comunicação sobre a adoção	50
4. Cadeias intergeracionais de comunicação	55

V. Conclusões

Conclusões	59
Referências bibliográficas	63

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Medidas descritivas das variáveis relativas à percepção dos Avós acerca da criança na família	27
Gráfico 2 – Medidas descritivas das variáveis relativas à vivência da adoção na família de Avós e Pais.....	27
Gráfico 3 – Medidas descritivas das variáveis relativas à percepção das consequências da adoção para Avós e Pais.....	28
Gráfico 4 – Valores médios das variáveis relativas às atribuições acerca do comportamento das crianças adotadas de Avós e Pais.....	30
Gráfico 5 – Distribuição de frequências das razões dos Avós para não falarem sobre a adoção com os netos	34
Gráfico 6 - Distribuição de frequências da variável relativa às intenções dos Avós para falar com os netos sobre a adoção.....	34
Gráfico 7 - Distribuição de frequências da variável relativa às preocupações demonstradas pelas crianças quando falam com os avós sobre a adoção.....	35
Gráfico 8 – Medidas descritivas das variáveis relativas às questões da comunicação sobre adoção de Avós e Pais	36

Índice de Quadros

Quadro 1 – Caracterização da amostra em função de variáveis socio-demográficas.....	22
Quadro 2 - Exemplos de respostas dadas pelos avós à pergunta “O que é a adoção?” ..	32
Quadro 3 - Exemplos de respostas dadas pelos avós à pergunta “O que é uma família adotiva?”	33
Quadro 4 - Comparação dos Clusters de comunicação na perspetiva dos avós nas variáveis utilizadas para a sua composição.....	39
Quadro 5 - Comparação dos Clusters de comunicação na perspetiva dos pais nas variáveis utilizadas para a sua composição.....	40
Quadro 6 - Comparação dos Clusters de comunicação na perspetiva das crianças nas variáveis utilizadas para a sua composição.....	41

Introdução

Nos últimos anos verificaram-se grandes mudanças na sociedade ocidental globalizada que tiveram implicações nas configurações e papéis familiares. A taxa de natalidade diminuiu, as famílias têm-se tornado mais pequenas, diminuindo o número de famílias com mais de três filhos. Além disto tem-se presenciado um aumento da taxa de divórcios e um aumento de recasamentos. Tudo isto dá lugar a uma heterogeneidade de estruturas e de relações familiares (Bengtson, Rosenthal & Burton, 1990).

No entanto, se por um lado a taxa de natalidade diminuiu, a esperança média de vida aumentou (Bengtson, Feng, Giarusso & Silverstein, 2001), constatando-se um aumento da população que exerce o seu papel de avô/ó durante mais tempo e cada vez mais numa fase ativa da sua vida (Aldous, 1995; Hagestad & Burton, 1986; Pinazo, 1999). Desta forma aumentaram também as oportunidades de interação e manutenção da relação avós-netos (Triadó, 1999), gerando-se dinâmicas familiares diferentes das vividas outrora (Wise, 2007).

Todos estes indicadores sócio-demográficos conjugados traduzem mudanças nas dinâmicas familiares e impulsionam os crescentes estudos que se focam na relação avós-netos e na importância desta relação para o desenvolvimento destes (Van Rast, Verschueren & Marcoen, 1995).

Nesta conjuntura, as relações intergeracionais merecem especial atenção de forma a serem otimizados os ganhos inerentes à relação avós-netos, uma vez que esta é descrita como benéfica para todos os seus intervenientes e propiciadora de oportunidades de desenvolvimento mútuo (Veleda, et al., 2006). Numa fase em que a família nuclear também está a atravessar mudanças, as relações avós-netos podem funcionar como um importante recurso dentro do sistema familiar (Baranowski, 1982; Kornhaber & Woodward, 1981).

Apesar da importância da temática, as relações avós-netos nem sempre mereceram grande atenção (Elder & Mueller, 2003). O papel dos avós como agentes socializadores e de apoio às famílias não era tido em conta, provavelmente porque, até aos dias de hoje, a sua importância não era tão evidente (Bernal & Anuncibay, 2008).

Relativamente à temática da adoção os estudos com a perspetiva dos avós são, do mesmo modo, praticamente inexistentes. A adoção é uma prática cada vez mais comum no nosso país, por isso, dada a importância que tem vindo a assumir para a nossa sociedade torna-se imprescindível a realização de estudos nesta área, de forma a

conhecer as especificidades da vivência da família adotiva, tendo em conta o ponto de vista de todos os envolvidos no processo. Os avós são membros da família adotiva e, cada vez mais, um recurso das famílias contemporâneas. Logo, considera-se imperioso conhecer a forma como estes vivenciam todo o processo de adoção, e como se envolvem na integração e adaptação dos seus netos adotados na família.

A abordagem do processo de desenvolvimento da criança adotada implica considerá-la na interação que estabelece com os vários sistemas, hierarquicamente organizados, que integram o seu ambiente desenvolvimental e entre os quais se conta o sistema relacional avós-netos.

Surge, assim, o presente estudo, no âmbito de uma investigação mais ampla, com o objetivo de caracterizar a vivência do processo de adoção pelos avós, analisar qual o conceito de adoção e de família adotiva que os avós têm e explorar qual o papel dos avós no processo de comunicação sobre a adoção. Este estudo assume uma perspetiva intergeracional do processo de adoção, confrontando vivências de diferentes gerações. Por fim, constitui-se ainda como objetivo desta investigação, explorar as posturas comunicacionais presentes nas famílias acerca da adoção e as cadeias comunicacionais que se desenvolvem, analisando a perspetiva das três gerações da família: avós, pais e netos. Por outras palavras, este estudo pretende abordar, seguindo uma perspetiva ecológica, o processo de adoção com especial evidência no microsistema relacional dos avós e no mesossistema das relações intergeracionais, focalizando-se no estudo da comunicação sobre a adoção, em três gerações da família.

O presente trabalho encontra-se dividido nas componentes teórica e prática. Na primeira procede-se à revisão da bibliografia tendo por base o modelo bio-ecológico de Bronfenbrenner (1989). Num segundo momento é apresentado o estudo exploratório conduzido. Inicialmente expõe-se a metodologia utilizada, apresentando, de seguida os resultados e a sua discussão. Finalmente, termina-se com a conclusão, onde se faz referência às limitações do estudo apresentado, sugestões para investigações futuras e se retiram implicações para a prática profissional em adoção.

**I. Microsistema relacional
 avós-netos no sistema
 ecológico da adoção**

1. Microsistema relacional avós-netos

A literatura tem demonstrado que a presença dos avós na vida dos netos tem impacto a vários níveis do desenvolvimento das crianças/adolescentes e de forma diferente nas várias etapas do ciclo vital dos netos.

Segundo Ferland (2006) à medida que a criança cresce a sua relação com os avós evolui. Durante os primeiros anos de vida da criança (0 aos 5 anos), o laço afetivo entre avós-netos manifesta-se através de gestos de ternura e de afeto, e estabelece-se sobretudo durante o jogo e as atividades quotidianas, sendo os avós parceiros de atividade. Já em idade escolar (6 aos 12 anos), os contornos do relacionamento sofrem alterações visto que as crianças começam a gostar de falar de si e a ter curiosidade sobre o que as rodeia. Dependendo das competências e interesses dos avós estes podem satisfazer os desejos das crianças. Na adolescência (13 aos 18 anos), debatendo-se com a construção da sua identidade, a prioridade é doravante atribuída aos amigos, consagrando-se menos tempo para os avós. No entanto, alguns adolescentes nomeiam os seus avós como interlocutores confidentes.

A vivência da grandeparentalidade revela grandes diferenças da parentalidade visto que os pais e os avós desempenham estes papéis em diferentes etapas do ciclo de vida, o que leva a que tenham diferentes posturas na forma de estar com as crianças (Gonzaga & Cruz, 2000). Assim sendo, os avós oferecerem aos netos um amor incondicional que os pais nem sempre conseguem oferecer devido ao seu papel simultaneamente de pais e educadores (Bernal & Anuncibay, 2008). Segundo Ferland (2006), o amor incondicional dos avós, e o lugar que podem ocupar na vida dos netos, poderá potenciar o desenvolvimento da auto-estima da criança.

Os pais, geração intermédia da relação avós-netos, são um fator a ter em conta no estudo desta relação, visto que funcionam como mediadores do contacto entre avós e netos, podendo inibir ou facilitar os mesmos (Goodman, 2007; Queirós, 2005). No entanto, os pais podem beneficiar com a relação que os seus filhos estabelecem com os avós, pois estes podem funcionar como negociadores entre pais e filhos, ajudando-os a entender os vários pontos de vista envolvidos (Bernal & Anuncibay, 2008).

A existência de relações intergeracionais e a participação dos avós na vida das crianças e das famílias favorece a construção de uma rede de apoio para estas, que lhes permite lidar mais eficazmente com as tensões da vida contemporânea, amortizando as pressões familiares e dispersando as tensões sociais. Desta forma, a implicação dos avós na vida dos netos dá lugar a menos tensão em torno da família. Esta relação de

suporte/apoio entre as gerações está relacionada com uma melhor adaptação sócio emocional da criança ou adolescente, sendo esta considerada como um fator de proteção relativamente aos desajustamentos emocionais (Werner & Smith, 1982 *cit in* Lussier, Deater-Deckart, Dun e Davies, 2002). Lussier e colaboradores (2002) acrescentam que o envolvimento dos avós está correlacionado com a estabilidade emocional das crianças, sendo um fator de proteção para os problemas emocionais e comportamentais que podem surgir nos netos em momentos de transição. A presença e ajuda dos avós em momentos de crise da família, permite dar estabilidade aos netos e contribui, nomeadamente, para o desenvolvimento da capacidade de socialização da criança, para a transmissão da história familiar, da tradição e de valores e promove ajuda emocional e financeira (Bernal & Anuncibay, 2008). Esta relação avós-netos, segundo os mesmos autores, também vai afetar as relações que as crianças desenvolverão mais tarde, com os seus próprios netos, duas gerações depois.

Além do envolvimento dos avós se correlacionar com a estabilidade emocional das crianças, esta relação aparece como essencial no desenvolvimento dos netos, podendo nomeadamente surgir lacunas no *self* individual quando os sujeitos não são expostos a relações intergeracionais (Kornhaber & Woodward, 1981).

Os avós funcionam como uma fonte familiar que une o passado, presente e futuro. Para as gerações mais novas dá-lhes segurança, ajudam no desenvolvimento do *self* e oferecem uma visão do futuro. Conseguem também fornecer às crianças uma fonte de aprendizagem e de identificação, diferente da provida pelos pais. Todos estes contributos e ensinamentos facultados pelos avós perpetuam-se ao longo da vida dos netos (Bernal & Anuncibay, 2008).

A forma de estar dos avós e o seu papel pode constituir-se como um fator de proteção para os adolescentes. Os avós raramente são disciplinadores e impositores de limites e barreiras. Os adolescentes, ainda que admitam que se verifica um distanciamento dos avós nesta etapa das suas vidas, continuam a ver os avós como um refúgio para o qual podem recorrer nas situações de tensão com os pais (Almeida, 2008). Segundo Baranowski (1982) a inexistência da relação avós-netos pode ser uma barreira à tarefa desenvolvimental da adolescência, ou seja, à construção da identidade. Nesta tarefa está implicado o sentido de individualidade, de continuidade e totalidade que são facilitados pelo contacto com os avós, visto que partilham com os netos a herança ancestral e a história familiar (Queirós, 2005), facilitando a integração do passado, presente e futuro numa narrativa pessoal articulada.

Ainda no que respeita ao papel dos avós na adolescência e adultez emergente, Dias e Silva (2003) verificaram que jovens universitários associam os avós a representações de “respeito”, “sabedoria” e “experiência de vida”, salientando-se a “educação dada aos pais” e a “ajuda na criação dos netos”, como contribuição dada pelos avós à família. Um avô ideal, para os jovens, deve ser carinhoso e comunicar com os netos (Stella, 2010).

Os avós podem ter um duplo contributo no desenvolvimento dos netos: um contributo direto, enquanto companheiros, modelos, transmissores de valores e tradições, prestadores de cuidados, parceiros interativos e fontes de afeto, estabilidade, refúgio e segurança; e indireto, enquanto fontes de apoio, inclusivamente apoio financeiro, e veículo de competências parentais (Queirós, 2005).

A qualidade da relação avós-netos é influenciada por diversos fatores, entre eles a frequência e o tipo de contacto, a distância geográfica, o tipo de cuidados prestados, a idade e saúde dos avós, as características da dinâmica familiar e do círculo de amigos (Triadó, 2000; Triadó, Villar, Solé, Osuna & Celdrán, 2006).

Em Portugal, a investigação realizada na área é escassa e sobretudo de natureza académica. Contudo destacam-se investigações: cujos participantes são só avós, nomeadamente os estudos sobre estilos educativos de Gonzaga e Cruz (2000) e sobre convivência intergeracional de Almeida (2008); cujos participante são só os netos, destacando-se as investigações sobre convivência intergeracional de Cunha (2008) e sobre os significados da grandeparentalidade de Pastor (2009); e cujos participantes são os avós e netos, nomeadamente o estudo de Pereira (2010) sobre a convivência intergeracional e o significado da relação e, por último, os estudos Queirós (2005) e Domingos (2008) que utilizam o modelo da solidariedade intergeracional (SI) para o estudo da relação avós-netos.

No estudo de Gonzaga e Cruz (2000) o papel educativo dos avós é confrontado com o seu papel educativo prévio enquanto pais, salientando-se a sua menor responsabilidade, maior tolerância às falhas e disponibilidade, enquanto avós. No estudo da convivência intergeracional entre avós e netos, Almeida (2008) e Cunha (2008) destacam a relevância que assumem reciprocamente, na sua rede relacional, avós e netos adolescentes e identificam que os avós e os netos que mantêm relações mais positivas assumem posições menos estereotipadas relativamente à outra geração. A linhagem materna e o sexo feminino surgem como fatores promotores da relação avós-netos, uma vez que a avó materna é citada pelos netos como a figura grã-parental de maior

proximidade afetiva (Cunha, 2008; Domingos, 2008; Queirós, 2005), sendo as avós em geral identificadas como figuras de vinculação (Pastor, 2009).

Os estudos de Queirós (2005) e Domingos (2008) tomam em consideração simultaneamente os dois intervenientes na relação avós-netos e analisam a natureza da relação avós-netos segundo o modelo de solidariedade intergeracional. Este modelo permite identificar dimensões das relações intergeracionais, nomeadamente as dimensões funcional, associacional, afetiva e estrutural (Bales, 2002), as quais se referem respetivamente ao apoio, partilha de atividades, proximidade afetiva e características estruturais presentes na relação.

Os resultados destes estudos mostram que as relações que os avós estabelecem com netos mais novos (oito anos) são pautadas pela partilha de atividades e pelo apoio funcional prestado pelos avós aos netos (Queirós, 2005), enquanto que a relação que os avós mantêm com os adolescentes, pelo contrário, se caracteriza por uma maior afetividade na relação.

O estudo de Queirós (2005) permitiu ainda identificar três tipos de relações avós-netos: as que têm valores elevados em todas as dimensões; as que têm valores baixos em todas as dimensões e os que têm elevadas oportunidades de contacto mas reduzido grau de partilha de atividades, de trocas de apoio e proximidade. Neste estudo verificou-se também a existência de uma correlação moderada e positiva entre a auto-valorização global dos netos e a dimensão afetiva da relação.

2. A ecologia da adoção

Segundo Bronfenbrenner, *“muita da psicologia do desenvolvimento contemporânea é a ciência do comportamento estranho das crianças em situações estranhas com adultos estranhos, durante os mais curtos possíveis períodos de tempo”* (Bronfenbrenner, 1979, p. 19). Na primeira teorização, em 1979, a Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano, incide na conceptualização da influência do meio envolvente no desenvolvimento humano, assumido como um contexto constituído por sistemas hierarquicamente organizados que mantêm interações recíprocas e dinâmicas entre si. Só conhecendo os diferentes sistemas em que as crianças se movimentam e desenvolvem é possível aceder à compreensão do seu desenvolvimento.

Em 1989, no Modelo Bioecológico, Bronfenbrenner (1995; Bronfenbrenner & Morris, 1998) vai mais longe e realça a importância dos processos proximais que considera os principais motores do desenvolvimento (Lerner, 2002). Segundo este

modelo, o desenvolvimento ocorre ao longo de toda a vida e é influenciado por quatro componentes e pelas suas relações interativas: processo, pessoa, contexto e tempo (Lerner, 2002). O processo engloba as formas particulares de interação entre o organismo e o meio, constituindo-se como o mecanismo primário de produção do desenvolvimento humano. A pessoa é o conjunto de características biológicas que são valorizadas e cuidadosamente definidas. O contexto diz respeito a um sistema interrelacionado de estruturas concêntricas proposto no modelo ecológico. O tempo refere-se aos períodos em que o processo proximal ocorre. Este último é um ingrediente também ele essencial com efeitos no indivíduo em desenvolvimento e em cada um dos contextos que o indivíduo se insere.

Este é um modelo complexo que tem sido uma ferramenta de grande utilidade para a compreensão do desenvolvimento humano. Ainda assim, se nos focarmos na área da adoção, constatamos que grande parte da investigação existente continua a centrar-se nos resultados das adoções, e não nos processo envolventes (Palacios & Brodzinsky, 2010). As comparações entre crianças adotadas e não adotadas e os estudos relacionados com a presença de problemas comportamentais nas crianças adotadas têm sido dos temas mais explorados. No entanto, verificam-se alguns progressos das investigações pois começam a surgir estudos longitudinais (onde se adiciona o cronossistema ao sistema em que decorre desenvolvimento humano), estudos relacionados com a vinculação, com a comunicação, entre outros, que incidindo nos processos e não nos resultados têm enriquecido o conhecimento na área (Palacios, 2009).

Os diferentes estudos citados sobre a relação avós-netos incidem em famílias tradicionais, sendo que são muito raros os estudos desta relação noutros contextos familiares – famílias reconstituídas, famílias monoparentais, famílias adotivas. No caso das famílias adotivas são criados novos laços afetivos entre membros de famílias diferentes, que se unem para constituir uma só família. Criam-se novas relações afetivas não só entre pais e filhos, mas também entre irmãos e entre avós e netos, constituídos através da adoção.

A relação avós-netos, que se constituirá através da adoção, não se estabelece de forma uniforme e depende muito dos processos relacionais vividos na família adotiva e, em particular, no contexto da relação avós-netos. Por conseguinte, o modelo bio-ecológico poderá constituir-se numa grelha de leitura heurística da adoção, permitindo ver o desenvolvimento da criança adotada como um resultado das interações entre o ser

em desenvolvimento e os vários sistemas em que se insere. O recurso a esta grelha conceptual permitirá uma leitura dos processos, pessoas, tempo e contexto da relação avós-netos, nos diferentes níveis do sistema ecológico: microssistema, mesossistema, exossistema, macrossistema e cronossistema.

1.1.Microssistemas na adoção

O microssistema diz respeito a *“um padrão de atividades, papéis e relações interpessoais experienciadas pela pessoa em desenvolvimento num dado cenário com características físicas, sociais e simbólicas que encorajam, permitem ou inibem esse envolvimento, em interação progressivamente mais complexa com o ambiente imediato e em atividade nesse mesmo ambiente”* (Bronfenbrenner, 1995: 15; Bronfenbrenner & Morris, 1998: 1013). No caso das crianças e adolescentes a família e a escola são os principais microssistemas em que esta se insere.

No microssistema familiar a análise segundo o modelo bio-ecológico pressupõe ter em conta, simultaneamente, as características individuais das crianças, os processos de interação entre os vários membros da família, as especificidades das dinâmicas e rotinas familiares e as alterações ao longo do tempo de todos estes componentes (Palacios, 2009).

Apesar da família adotiva partilhar um conjunto de processos e dinâmicas com as famílias convencionais (Barbosa, 2010; Barbosa-Ducharne & colaboradores IPA, 2011; Barbosa-Ducharne, Soares & Ferreira, 2011), existem aspetos específicos da parentalidade adotiva que lhe confere particularidade (Palacios, 2010). O processo de comunicação sobre a adoção, ou seja, contar à criança que esta é adotada e comunicar sobre a adoção e o seu passado ao longo de todo o ciclo vital, é uma das tarefas particulares com que os microssistemas parental e familiar adotivo terão de lidar, e que depende das interações que se estabelecem entre os vários componentes do sistema. A complexidade deste processo de comunicação é bem ilustrada pelo Modelo de comunicação familiar sobre a adoção (*“Family Adoption Communication Model – FAC; Wrobel, Kohler, Grotevant & McRoy, 2003*), que numa perspetiva contextual e interacionista, considera as capacidades cognitivas da criança, as influências ambientais e a interação recíproca entre os vários membros da família, na análise deste processo (Brodzinsky, 2006).

Não apenas a não revelação da adoção trará riscos psicológicos para a criança/adolescente, sendo praticamente consensual na comunidade científica que a

criança deve conhecer o seu estatuto adotivo (Palacios, Sandoval & Espinosa, 1996). A evidência da associação entre a abertura da comunicação familiar sobre a adoção e o ajustamento psicológico do adoptado é múltipla (e.g. Barbosa-Ducharne, Ferreira & Soares, 2011; Beckett, et al., 2008; Brodzinsky, 1987, 2005, 2006; Henriques, Ramalho & Baptista, 2010; Rueter & Koerner, 2008), convertendo a comunicação sobre a adoção numa tarefa essencial à família adotiva, ao longo do ciclo de vida.

Analisar a comunicação sobre a adoção, à luz do modelo bio-ecológico implica considerá-lo como resultado de um conjunto de fatores. As características individuais da criança, como as experiências prévias à adoção, a idade da criança quando é adotada ou a abertura da criança em comunicar sobre o seu passado, são fatores importantes a considerar (Soares, 2009), para além do nível de compreensão do conceito de adoção da criança (Barbosa-Ducharne, Soares & Ferreira, 2011; Brodzinsky, 2010; Ferreira, 2010). De facto, ao contrário de algumas crenças sobre este processo, a comunicação acerca da adoção não afeta apenas as crianças mais novas, sem memórias e conhecimentos passados, mas também crianças que são adotadas mais tarde, que têm pleno conhecimento do seu estatuto (embora possam não possuir compreensão total acerca do seu significado) e que guardam memórias sobre as suas experiências prévias. Por vezes, os pais que adotam crianças mais velhas consideram que não devem “carregar” a criança/adolescente com conversas sobre assuntos distantes e dolorosos, pois elas têm perfeita consciência de que são adotadas (Palacios & Sandoval, 2005), dando por sobreentendido um conjunto de informações, o que resulta numa limitação da comunicação.

Do lado dos pais, a atitude que estes podem apresentar face à adoção – a negação das diferenças entre parentalidade adotiva e parentalidade biológica ou a aceitação dessas diferenças (Kirk, 1964 *cit in* Brodzinsky, 2005) – parece constituir um fator com impacto na maneira como a parentalidade adotiva é vivida em geral e, em particular, como se processa a comunicação sobre a adoção. A primeira atitude passa pelo desejo da família adotiva em se aproximar ao máximo de uma família convencional, procurando esquecer, o quanto antes, que têm uma relação especial, e, desta forma, limitando a comunicação sobre a adoção (Brodzinsky, 2005). Por outro lado, os pais adotivos que “aceitam as diferenças” reconhecem que a parentalidade adotiva implica tarefas distintas da parentalidade biológica, falando abertamente acerca dessas questões com os filhos, encorajando-os a explorar os sentimentos relacionados com o estatuto adotivo. Segundo Kirk (1964, *cit in* Brodzinsky, 2005), o padrão de

“aceitação das diferenças” conduzirá a uma maior abertura em termos da comunicação entre pais e filhos, contribuindo para a estabilidade dinâmica da família adotiva. Por outro lado, a não aceitação das diferenças interferirá não só na relação pais-filhos, mas também no relacionamento conjugal, familiar e social, comprometendo o desenvolvimento de um ambiente familiar de confiança, propício à exploração de questões relacionadas com a adoção. Mais tarde, Brodzinsky (1987) concluiu que no ciclo de vida da família adotiva, nalguns momentos, os pais poderão negar as diferenças existentes entre a sua família e as famílias convencionais e que noutros seria fundamental reconhecê-las, sendo esta flexibilidade o principal determinante do ajustamento psicológico familiar.

Ainda relativamente aos pais, estes podem assumir, em função do que foi referido anteriormente, um estilo de comunicação mais aberto ou mais fechado, relativamente à comunicação sobre a adoção. Brodzinsky (2005) diferenciou dois tipos de abertura na adoção: a abertura na comunicação e a abertura estrutural da adoção (adoção aberta), considerando que a comunicação aberta acerca da adoção se constitui um construto mais relevante nas questões da vida familiar adotiva e no ajustamento à adoção, na medida em que reflete as atitudes, as crenças, as emoções e os desejos de uma pessoa relativamente a esta (Brodzinsky, 2005). Isto inclui, entre outras coisas, a comunicação com a criança sobre a adoção, o conforto com a promoção de uma conexão dual entre os dois microssistemas familiares (biológico e adotivo), a empatia pela criança adotada, a comunicação com a família biológica e a empatia pelos familiares biológicos da criança (Neil, 2007). De acordo com Neil (2009) a abertura na comunicação da adoção reflete o processo de exploração individual dos significados da adoção na vida pessoal de cada um.

Desta forma, uma adoção estruturalmente fechada (sem contacto entre a família biológica e a adotiva, frequentemente acompanhada de pouca informação sobre as origens da criança) não deve ser condição para uma comunicação fechada sobre a adoção. A abertura na comunicação pressupõe, por parte dos pais, uma atitude de empatia e compreensão pelas necessidades da criança adotada em conhecer o seu background (Wrobel et al., 2003), favorecendo a criação de um ambiente confortável, de apoio e aceitação, onde a criança se sinta à vontade para questionar.

A interação entre pais e filhos, e as características particulares de cada um, juntamente com as características do contexto, favorecem o desenvolvimento de dinâmicas e processos específicos quanto à comunicação sobre a adoção no

microsistema familiar. O tipo de parentalidade adotiva – parentalidade restritiva ou parentalidade facilitadora (Barbosa, 2010) – evidencia associar-se ao estilo de comunicação familiar sobre a adoção (Barbosa-Ducharme, Ferreira, Barbosa & Soares, 2011). Ou seja, uma parentalidade regida por estratégias disciplinares punitivas e atitudes favoráveis ao controlo da comunicação, em contraste com uma parentalidade fomentada em estratégias disciplinares indutivas, atitudes favoráveis à abertura da comunicação, expressão emocional e percepção positiva da relação associam-se, respetivamente, ao estilo fechado e aberto de comunicação sobre a adoção e determinam diferentes padrões de ajustamento psicológico do adotado. As crianças e adolescentes que crescem em famílias com parentalidade facilitadora e comunicação aberta sobre a adoção apresentam auto-estima mais elevada e menos dificuldades emocionais do que as crianças pertencentes às famílias com parentalidade restritiva e estilo de comunicação sobre a adoção fechado e atrasado (Barbosa-Ducharme, Ferreira, Barbosa & Soares, 2011).

Apesar de ser na família nuclear que estes processos são mais proeminentes, a escola e a família alargada são outros importantes microsistemas em que a criança se insere e que devem ser tidos em conta nesta análise ecológica da adoção. Os avós, por exemplo, que funcionam muitas vezes como rede social de apoio, são um microsistema importante de análise, muitas vezes esquecido na investigação. A escassa bibliografia mostra que, a partir do momento em que uma criança chega à família, os avós adotivos começam a ter uma grande importância na sua vida e desenvolvimento (Palacios, 2009).

Ainda antes da chegada da criança, um momento que a literatura caracteriza como importante é a altura escolhida pelos pais para darem aos avós a notícia da candidatura à adoção (Pitcher, 2009). Apesar da literatura mostrar que muitos pais optam por dar a notícia quando o processo de adoção já se encontra numa fase avançada, para proteger os seus pais da ansiedade que este provoca, os avós preferem ser avisados logo no início do mesmo para se começarem a ambientar à situação, a esclarecer as suas dúvidas e a preparar-se para acolher a criança (Pitcher, 2009). Assim sendo, os avós que são informados logo no início do processo relatam menos ansiedade.

Outro momento importante retratado pela investigação é o momento em que os avós conhecem os seus netos. Os avós dizem sentir ansiedade pela reação da criança, todavia assim que a conhecem e se sentem aceites por ela, dizem-se aliviados e satisfeitos (Pitcher, 2009).

O seu envolvimento e a sua presença na chegada da criança contribui para o desenvolvimento de um sentido de pertença à nova família. Os avós constituem-se frequentemente como os responsáveis por aproximarem a criança adotada da restante família alargada e por partilharem com a criança todas as vivências prévias da família. Isto proporciona à criança um melhor conhecimento acerca da nova família, fazendo-a sentir-se parte integrante da mesma. Assim que a criança chega à família, e começa a fazer aprendizagens os avós consideram que são responsáveis pelas mesmas. Para os avós, as aprendizagens são o resultado do que eles ensinam à criança e da proximidade da relação que estabelecem com ela. Visto isto, os primeiros tempos da criança na família são pautados pela preocupação constante dos avós em prestarem, aos seus filhos e netos, todo o apoio que estes necessitem para que a criança se integre, o mais rápido e da melhor forma possível, no novo ambiente e nas dinâmicas familiares (Pitcher, 2009). Apenas após esta fase inicial é que surge a preocupação do estabelecimento de uma relação próxima e positiva com a criança. Consequentemente, esta relação afetiva só aparece quando os avós sentem que a criança já pertence à família adotiva, que está integrada na mesma e que manifesta semelhanças com a família. As semelhanças de temperamento ou físicas da criança com algum membro da família ou o interesse manifestado por si no conhecimento das histórias familiares são aspetos muito valorizados pelos avós e que fortalecem o vínculo afetivo que se estabelece entre esta diade (Pitcher, 2009).

Ainda assim, o relacionamento avós-netos não é somente destacado por esta diade mas também pela geração intermédia, os pais das crianças. Estes últimos valorizam o grau de aceitação, dos próprios pais, relativamente ao agora seu filho/a. Esta aceitação constitui-se como uma valorização da adoção como forma de constituir família e dá-lhes segurança da veracidade do vínculo que estabelecem com a criança. Os pais, quando existem outros netos, prestam ainda atenção à relação que se estabelece entre os avós e os restantes netos, visto que esperam que os avós amem e aceitem a criança adotada como qualquer outro neto (Pitcher, 2009).

À medida que se estabelece um laço afetivo entre avós e netos, os avós desenvolvem empatia pela história prévia da criança, algo que os pais nem sempre têm capacidade para fazer. As crianças adotadas, podem ou não ter tido experiências com os avós biológicos e estas podem ter sido positivas ou não. Ainda assim, a investigação mostra que criam expectativas do papel dos avós. Estas surgem das experiências prévias quando existem, das histórias que lhes leram ou dos meios de comunicação social

(Pitcher, 2009). A apreciação posterior que fazem dos avós depende exatamente destes fatores.

Segundo a investigação, as avós maternas estão muito envolvidas e participam ativamente no apoio que prestam à família, mesmo depois das crianças já estarem integradas. Por outro lado, os avós têm uma visão concreta sobre o seu papel, considerando que devem ser divertidos, devem tratar todos os netos de igual forma, devem ser próximos de todos os netos, mas não devem interferir demasiado (Pitcher, 2009).

Uma descoberta significativa da investigação foi a de que a frequência de contacto e o apoio prestado não eram variáveis muito importantes para o estabelecimento de uma relação afetiva positiva. Para as crianças adotadas o importante é sentirem que os avós gostam delas (Pitcher, 2009).

Apesar de todos os benefícios da relação e da importância da mesma, os avós/ôs descrevem alguma ansiedade e stress na relação com o neto devido às circunstâncias da adoção (Pitcher, 2009).

Degani, Lowenstein e Buchbinder (2007) identificaram cinco estádios no desenvolvimento das relações emocionais entre avós e netos adotados: no 1º estágio os avós vêem os netos adotados como a satisfação da vontade dos filhos em serem pais; nos 2º e 3º estádios a relação afetiva começa a construir-se, não existindo ainda uma forte ligação emocional; no 4º estágio os avós começam a aceitar o neto como parte integrante da sua família; por fim, no 5º estágio os avós consideram o neto como mais um membro da família mas têm preocupações por ele ser adotado, nomeadamente receio que a criança procure a família biológica e abandone a família adotiva. Estes autores defendem, ainda, que muitos casais com problemas de fertilidade insistem na procriação medicamente assistida porque têm receio da reação dos seus pais à adoção. Para estes casais, o facto de saberem que os seus pais aprovam a adoção e aceitam uma criança adotada, é um incentivo para abandonarem os tratamentos e pensarem na adoção como uma alternativa à parentalidade biológica.

1.2. Mesossistemas na adoção

O mesossistema “*compreende as inter-relações entre dois ou mais cenários em que o indivíduo em desenvolvimento participa activamente*” (Bronfenbrenner, 1979: 25). Dois aspetos são relevantes na análise deste nível contextual: as transições de um ambiente para outro, a chamada transição ecológica, e as conexões entre sistemas. A

este nível, a investigação tem realizado alguns estudos acerca da transição para a família adotiva (Monteiro, 2009) e da conexão entre a família adotiva e a família biológica (Grotevant, 2009; Reiss, Leve & Whitesel, 2009) mas pouco se sabe acerca da inter-relação entre o sistema parental/familiar e o sistema grã-parental.

Os pais, geração intermédia da relação avós-netos, são um fator a ter em conta no estudo desta relação, visto que funcionam como mediadores do contacto entre avós e netos, podendo inibir ou facilitar os mesmos (Goodman, 2007; Queirós, 2005). Lussier et al. (2002) verificaram que os avós e netos dão mais importância à relação que mantêm do que os pais das crianças, pois estes tendem a subestimar a relação avós-netos e a ter percepções semelhantes entre si sobre esta relação.

Considerando que o mesossistema é o sistema da relação, nomeadamente entre estes dois microssistemas nos quais as crianças participam, as semelhanças ou diferenças, continuidades ou descontinuidades entre eles poderão ter impacto no desenvolvimento e ajustamento da criança adotada. Em particular levanta-se a questão do impacto que poderá ter na criança a congruência ou incongruência dos estilos comunicacionais entre o sistema parental/familiar e o sistema dos avós, no que diz respeito ao tema da adoção.

1.3.Exossistema na adoção

Por exossistema entende-se *“um ou mais cenários que não envolvem a pessoa como participante ativo, mas nos quais ocorrem eventos que afetam, ou são afetados, pelo que acontece no cenário onde se encontra a pessoa em desenvolvimento”* (Bronfenbrenner, 1979: 25).

Quando se fala na adoção geralmente evoca-se ao triângulo da adoção: criança adotada, família biológica e família adotiva. No entanto, a adoção envolve também outros atores, com grande protagonismo neste processo – é o caso dos profissionais da adoção. Palacios (2009) arrisca mesmo em abandonar a expressão “triângulo da adoção”, para a substituir por “quadrado de adoção”, face ao impacto que os profissionais podem ter no processo de adoção. De facto, alguns estudos têm apontado o impacto de variáveis associadas às práticas profissionais no emparelhamento (*“matching”*) ou na preparação da criança e dos pais, como determinantes do sucesso ou disrupção da adoção (Marinho, Barbosa-Ducharme & McRoy, 2011).

1.4. Macrossistema na adoção

O macrossistema refere-se “à consistência em forma e conteúdo de sistemas de ordem inferior (micro, meso e exo) que existem, ou poderiam existir, ao nível da cultura ou subcultura como um todo, juntamente com qualquer sistema de crenças ou ideologias subjacente a tais consistências” (Bronfenbrenner, 1979: 26). Assim sendo, este sistema é constituído por crenças, valores e ideologias de uma sociedade numa determinada época.

Apesar da família adotiva ser uma família, com tanto de diferente como de semelhante em relação às famílias convencionais, o facto é que a adoção é ainda vista como uma segunda opção para a parentalidade (Palacios, 2010). Da mesma forma, os graus de parentesco estão, geralmente, apenas associados às relações de sangue e à genética. Muitas famílias continuam a achar que existe distinção entre os filhos adotivos e biológicos, e a forma como a adoção é vivida depende destas crenças de parentesco e parentalidade.

Em 1997, um estudo realizado nos EUA com o intuito de explorar as atitudes face à adoção mostra que a grande maioria das pessoas encara a adoção como algo útil para a sociedade, mas apenas uma minoria se declara apoiante incondicional da adoção (The Evan B. Donaldson Institute, 1997 *cit in* Wegar, 2000). Assim, parece que a adoção é algo extremamente positivo mas para os outros e não para os próprios (Palacios, 2009). Ainda nos EUA, 40% dos adultos dizem que já pensaram em adotar mas apenas 0,2% destes chegaram a fazê-lo (Palacios, 2009). Mais uma vez, a explicação para estes dados pode relacionar-se com as concepções de família e de parentalidade que predominam na sociedade.

Outros estudos mostram que a sociedade acha que as crianças adotadas acabam por ter problemas e não percebe as famílias adotivas (Wegar, 2000). A investigação de Rosenberg e Horner (1991 *cit in* Wegar, 2000) mostrou que as famílias adotivas são alvos de estigma social recorrente. Assim sendo, parte dos adotados que na adolescência procuram a família biológica fazem-no para neutralizar o estigma da qual são vítimas e para conseguirem responder às perguntas sobre as suas origens (Wegar, 2000). Por isto, alguns adotados consideram as suas famílias diferentes e inferiores às convencionais (Wegar, 2000). Alguma investigação tem-se debruçado sobre as especificidades das famílias adotivas, demonstrando que existem particularidades destas famílias que ocorrem antes e depois do processo de adoção e durante o processo de integração da criança à família adotiva (Palacios, 2010). A questão já falada anteriormente acerca da

exploração das similitudes ou diferenças existentes entre as famílias convencionais e adotivas reforça a existência ou não destas crenças e estereótipos. As percepções dos pais relativas às similitudes ou diferenças parecem estar relacionadas com as características das crianças e com os seus problemas. Quanto mais problemas manifesta uma criança mais se reforçam as diferenças (Palacios & Sandoval, 2005). A justificação dos problemas de comportamento das crianças é feita com a temática da adoção (Palacios & Sandoval, 2005). Outro dado relevante é o facto dos pais referirem menos diferenças à medida que o tempo de adoção aumenta. Isto pode querer dizer que o fortalecimento dos relacionamentos permite um esquecimento das diferenças (Palacios & Sandoval, 2005). Logo, pode dizer-se que o reconhecimento das diferenças advém da conjugação de várias variáveis relacionadas com a criança, com a família e com a sua interação ao longo do tempo.

A comunicação social também se pode enquadrar neste sistema. As notícias continuam a valorizar a genética e os laços sanguíneos como elementos básicos das famílias e a considerar a adoção como uma segunda ou terceira forma possível de constituir família (Wegar, 2000). Assim, as notícias veiculadas pela comunicação social sobre a adoção perpetuam os mitos acerca das crianças adotadas, dos adotantes e do processo de adoção. Exemplos das experiências prévias à adoção das crianças são alvo de notícias sensacionalistas que especulam sobre as repercussões dessas experiências no desenvolvimento posterior da criança e da família. Situações em que a adoção não é bem-sucedida ou que as crianças apresentam dificuldades de aprendizagem ou problemas de comportamento são enfatizados na comunicação social. As histórias de adoção bem-sucedidas raramente são alvos de notícias e de divulgação (Waggenspack, 1998).

Visto que a comunicação social é o principal meio onde o público em geral obtém informações sobre a adoção (Wegar, 2000), tudo o que é transmitido, influencia os conhecimentos do público sobre esta temática, podendo advir disto consequências. Por exemplo, quando alguma criança adotada está numa família e surgem problemas a adoção é vista como a primeira causa para os mesmos (Wegar, 2000). Embora as notícias veiculadas não devessem retratar apenas os casos das adoções bem-sucedidas, deveriam apresentar uma visão equilibrada do tema para possibilitar ao público em geral uma compreensão mais fidedigna da complexidade deste fenómeno. Na verdade, de 2006 a 2009, em Portugal, efetivaram-se 1712 adoções e a taxa de interrupção foi de 6.3% (Marinho, et al., 2011).

Resumindo, pode dizer-se que a maneira como a adoção é vivida depende das crenças e da dimensão macrossistêmica. Assim, a investigação na área pode ter um impacto ativo no macrossistema e abrir caminho para a alteração de algumas dessas crenças, estigmas e ideologias.

1.5.Cronossistema na adoção

A dimensão Tempo, *“refere-se à estabilidade ou mudança, à continuidade ou descontinuidade, normativa ou não normativa, no indivíduo e no contexto (micro, meso, macrotempo). Por exemplo, podemos considerar o período desenvolvimental da criança, influências geracionais, o impacto de guerras, acontecimentos de vida, como a parentalidade”* (cf. Bronfenbrenner & Morris, 1998: 995).

Muitos dos relacionamentos cruciais para o desenvolvimento humano ocorrem da convivência de gerações: pais-filhos, avós-netos, professor-aluno, cuidador-criança, entre outros (Vanderven, 2011). São as transações resultantes das interações mútuas que se estabelecem que nos tornam humanos e agentes ativos no nosso desenvolvimento. Logo, as relações intergeracionais não são apenas significativas em momentos críticos do desenvolvimento, mas têm impacto ao longo de todo o desenvolvimento. São relacionamentos muitas vezes duradouros e que sustentam os indivíduos nas suas várias necessidades (Liou Ma, 2011).

Atualmente, numa família verifica-se que várias gerações convivem umas com as outras, existindo transações, obrigações e papéis associados a cada uma delas. No seio de uma família uma geração diz respeito à posição que determinada pessoa ocupa na linhagem familiar. A nível social, a geração define-se de acordo com a idade de determinada pessoa (Walker & Fong, 2010).

Apesar de existirem teorias sobre o desenvolvimento ao longo da vida e de estar comprovado que todas as etapas são importantes, o campo intergeracional ainda tem muitas lacunas e necessidades por preencher, carecendo nomeadamente de uma estrutura conceptual própria que valorize a identidade das relações intergeracionais e a interação que se estabelece entre elas (Vanderven, 2011).

Nos últimos anos têm surgido programas, práticas e atividades intergeracionais, visto que a investigação começou a demonstrar que, por exemplo, as aprendizagens entre gerações são de extrema importância para todas as gerações envolvidas. Assim, além de ser uma forma de aprender juntos, é uma forma de partilhar conhecimentos,

pensamentos, sentimentos e experiências (Pinazo-Hernandis, 2011), constituindo-se como uma forma de enriquecimento mútuo (Cabanillas, 2011).

A investigação tem demonstrado que o contacto geracional proporciona saúde e bem-estar a todos os familiares envolvidos, verificando-se que quem estabelece contactos geracionais dentro da família está em vantagem na saúde e bem-estar, relativamente a quem não estabelece (Antonucci, Jackson & Biggs, 2007). Isto deveria ser tomado em consideração para o desenvolvimento de políticas familiares. Assim, é claro que a saúde mental e física individual é enormemente afetada pela existência ou não de relações intergeracionais.

Contudo, as relações intergeracionais podem provocar sentimentos ambivalentes e conflitos, nomeadamente na transmissão de crenças e valores, sendo necessário todos os elementos da família aprenderem a respeitar os efeitos de coorte dos restantes elementos (Roodin, 2011). O efeito de coorte consiste na influência dos períodos de desenvolvimento individuais nas relações entre gerações. O facto dos indivíduos terem nascido em momentos diferentes do tempo histórico, leva a que percecionem os acontecimentos de formas distintas. A forma como as várias gerações definem e caracterizam alguns conceitos, nomeadamente o conceito de adoção, podem diferir devido a isto mesmo.

Na geração dos avós atuais a adoção era uma forma de responder às necessidades dos adultos, servindo propósitos religiosos (Mascarenhas & Alarcão, 2008) e assegurando a passagem de heranças, sendo as crianças adotadas uma fonte de trabalho para a família (Benet, 1976 *cit in* Brodzinsky, Lang & Smith, 1995). Na maioria dos casos a adoção era mantida em segredo, de forma a resguardar a privacidade da família adotiva, a proteger a mãe biológica do estigma de uma gravidez não desejada e/ou ilegítima, a proteger a criança do estigma que esta forma de parentalidade provocava (Brodzinsky, 2005) e, por último, a proteger a família adotiva do estigma da infertilidade.

Nos dias de hoje, a adoção é uma resposta social de defesa e promoção dos interesses e direitos das crianças. Assim, o processo de adoção é, atualmente, uma forma de proteção à infância, dando à criança uma família que seja capaz de satisfazer as suas necessidades, providenciando-lhe afeto, segurança e suporte (Ferreira, Pires & Salvaterra, 2004). Mais que isso, a adoção começa a ser encarada como a resposta ao direito de crescer e pertencer a uma família.

Os efeitos da existência de várias gerações, pertencentes a várias cohortes, numa família encontra-se muito presente na parentalidade onde as gerações mais velhas têm expectativas e opiniões diferentes dos seus filhos no que respeita, nomeadamente, à educação de uma criança. Os valores e as crenças que as duas gerações têm também podem diferir e gerar tensão familiar e conflitos.

No que se refere à adoção, apesar da escassez de literatura a este respeito, ainda é necessária uma maior sensibilidade no tratamento destas questões devido às particularidades da parentalidade adotiva. Consequentemente, seria importante perceber até que ponto é que existe concordância ou discordância relativa às ideias que organizam e intencionalizam as práticas educativas relativas à criança nas duas gerações (pais e avós), uma vez que os avós são um grande apoio e suporte familiar na educação das crianças; se as crenças sobre a adoção são partilhadas ou não, qual o impacto que isto tem na vida das crianças; e, sobre os estilos de comunicação sobre a adoção presentes na família. Ou seja, para a compreensão dos processos proximais promotores do desenvolvimento da criança adotada, a abordagem intergeracional também ao nível macrossistémico afigura-se de grande pertinência.

Neste contexto o presente estudo procura colmatar a referida lacuna na investigação, alargando a abordagem do processo de adoção à geração dos avós, numa perspetiva intergeracional familiar. Tendo em conta as particularidades da família adotiva, mas não esquecendo que uma família adotiva é antes de tudo uma Família e reconhecendo a relevância que o microssistema dos avós ocupa no sistema ecológico da adoção, esta investigação, de carácter exploratório, tem como principal objetivo caracterizar a vivência da adoção por parte dos avós e analisar os processos de continuidade/descontinuidade entre os sistemas parental/familiar e grã-parental, procurando dar resposta a questões levantadas em torno da congruência ou discrepância entre estes sistemas no que diz respeito à comunicação sobre a adoção.

II. Método

1. Objetivos

O presente estudo insere-se numa investigação mais ampla o projeto IPA: Investigação sobre o Processo de Adoção: Perspetiva de Pais e Filhos (Barbosa-Ducharne & Colaboradores IPA, 2011), desenvolvida na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP). O grande objetivo do projeto IPA é perceber como é vivida a adoção nas famílias, seguindo a perspetiva dos vários intervenientes. Assim temas como: a chegada da criança, a sua integração e adaptação (Monteiro, 2009), as práticas educativas parentais (Barbosa, 2010; Cardoso, 2008; Ferreira da Silva, 2009), a comunicação sobre a adoção (Ferreira, 2010; Soares, 2009) têm sido abordados a partir dos processos pais-filhos na família adotiva. Com o presente estudo pretende-se alargar o objeto desta investigação e explorar a vivência do processo de adoção numa perspetiva intergeracional, confrontando a vivência dos pais e dos avós adotivos, área de investigação ainda inexistente no contexto português. Especificamente pretende-se:

1. Analisar a forma como os avós experienciaram a chegada da criança;
2. Explorar a perspetiva dos avós relativamente à integração e adaptação dos seus netos adotados;
3. Avaliar o impacto da adoção na vida dos avós;
4. Explorar as crenças dos avós relativamente à adoção em geral, e especificamente à adoção da sua família;
5. Analisar intergeracionalmente a vivência da adoção, ou seja, confrontar a perspetiva de pais e avós relativamente a este processo;
6. Caracterizar o conceito de adoção e de família adotiva para os avós;
7. Explorar o papel dos avós no processo de comunicação sobre a adoção;
8. Analisar intergeracionalmente a comunicação da adoção nas famílias, confrontando a perspetiva de avós, pais e netos.

2. Participantes

Participaram neste estudo 61 avós (63.9% do sexo feminino e 36.1% do sexo masculino), com idades compreendidas entre os 57 e os 79 anos ($M = 69.21$; $DP = 6.76$), com uma média de 6.46 anos de estudo ($DP = 5.13$; $Min = 0$, $Máx = 17$), sendo que 65.6% dos avós tinham 4 anos ou menos de estudos, 16.4% tinham entre 5 a 9 anos e 18% tinham 12 ou mais anos de estudo.

Trata-se de uma amostra de conveniência na medida em que integram os avós das famílias participantes no IPA que estavam em condições de saúde e disponíveis para colaborar.

Em termos de linhagem, embora se tenha procurado uma divisão equalitativa, verifica-se uma frequência superior da linhagem paterna (55.7%) relativamente à linhagem materna (44.3%).

Em relação ao estado civil, 83.6% dos avós são casados, enquanto que os restantes (16.4%) são solteiros e viúvos.

No momento da entrevista, 17 avós (27.9%) tinham apenas um neto, 25 avós (41%) tinham entre 2 e 4 netos e 19 (31.1%) tinham 5 netos ou mais. Assim sendo, o mínimo de número de netos é 1 e o máximo 13 ($M= 3.67$; $DP= 2.85$). Constatase que os avós da linhagem paterna ($M= 4.35$, $DP= 3.14$) têm mais netos que os da linhagem materna ($M=2.81$, $DP= 2.20$), ($t(59) = -2.16$, $p= .035$).

Os netos, relativamente aos quais os avós desta amostra responderam, têm entre 4 e 17 anos, com uma média de 8.57 anos de idade ($DP= 3.31$). Foram adotados, em média, aos 3.22 anos ($DP= 2.33$), variando entre 3 meses e 10 anos, e estão adotados há 5.33 anos em média ($DP= 3.06$; $Min=1$; $Máx=16$), sendo 63.9% do sexo masculino e 36.1% do sexo feminino.

Para 25 avós participantes (42.4%) o neto adotado foi o seu primeiro neto, enquanto que 26 avós (44.1%) já tinham entre 1 a 3 netos prévios e 8 (13.6%) tinham 4 ou mais netos prévios. Desta forma, o número de netos antes da adoção variou entre 0 e 11, sendo a média 1.66 netos ($DP= 2.40$).

No presente estudo participaram ainda 58 pais. Todos os sujeitos são do distrito do Porto e têm idades compreendidas entre os 31 e os 51 anos, sendo a média de idades 41.66 anos ($DP= 4.53$), e 20 sujeitos (34.5%) são do sexo masculino e 38 (65.6%) do sexo feminino. Salienta-se que uma (1.7%) das famílias participantes é monoparental, sendo todas as restantes biparentais.

Em termos das habilitações literárias dos pais, estas variam entre 4 e 22 anos de estudo, sendo a média 13.88 ($DP= 3.38$).

Participaram, ainda, no presente estudo 20 netos, 65% rapazes e 35% raparigas. Estas crianças têm idades compreendidas entre os 9 e os 17 anos, sendo a média 11.70 anos ($DP= 2.32$). A idade de adoção média foi 4.57 anos ($DP= 2.75$), e o tempo de adoção médio é 7.16 anos ($DP= 3.42$). Todos os netos frequentam a escola e cumpriram uma média de 5.45 anos ($DP=2.09$), variando entre 3 e 10 anos de escolaridade.

O quadro 1 sistematiza a informação disponível dos três grupos de participantes: avós, pais e crianças.

Quadro 1 – Caracterização da amostra em função de variáveis socio-demográficas

		Avós (N=61)	Pais (N=58)	Netos (N=20)
Sexo	Masculino	22 (36.1%)	20 (34.5%)	13 (65%)
	Feminino	39 (63.9%)	38 (65.5%)	7 (35%)
Idade	Média	69.21	41.66	11.70
	Desvio-Padrão	6.76	4.533	2.32
	Máximo-Mínimo	57-79	31-51	9-17
Anos de estudo	Média	6.46	13.88	5.45
	Desvio-Padrão	5.13	3.383	2.09
	Máximo-Mínimo	0-17	4-22	3-10

3. Instrumentos

A Entrevista a Avós sobre o Processo de Adoção (EAPA) (Barbosa-Ducharne, Monteiro, & Barroso, 2011) surgiu da adaptação da Entrevista sobre o Processo de adoção (EPA) (Barbosa-Ducharne, Moreira, Ferreira da Silva, Monteiro & Soares, 2009), da adaptação do Guião de Entrevista de Solidariedade Intergeracional – Avós (Barbosa-Ducharne & Domingos, 2008) e da revisão da literatura relativa à temática da adoção.

A EAPA (Barbosa-Ducharne, Monteiro & Barroso, 2011) é constituída por questões abertas que abordam os conceitos de adoção, família e família adotiva, e, por questões de resposta em escala tipo Lickert, para a identificação das fontes de informação que veiculam informações sobre a adoção e do impacto e importância que as mesmas têm para os sujeitos. As representações sociais que os avós têm acerca da adoção e das crianças adotadas são exploradas através de vinhetas, utilizando-se a mesma escala tipo Lickert.. A vivência da adoção pelos avós e as crenças que os avós têm sobre a adoção são abordadas junto dos avós através quer de questões abertas, quer em questões de respostas em escala de tipo Lickert (6 pontos). Por fim, a relação avós-netos é avaliada segundo as dimensões associacional, funcional e afetiva, do modelo da solidariedade intergeracional (SI), através de questões de resposta em escala de tipo Lickert (5 pontos).

A Entrevista sobre o Processo de Adoção (EPA) (Barbosa-Ducharne, Moreira, Ferreira da Silva, Monteiro & Soares, 2009) foi usada para recolher dados junto dos pais e explora a forma como foi e está a ser vivenciado o processo de adoção.

Por último, com as crianças, foi utilizada a Entrevista a Crianças e Adolescentes sobre Adoção (Barbosa-Ducharne, Soares, Ferreira & Monteiro, 2011). Esta entrevista explora diversas temáticas, nomeadamente: os conceitos de adoção e família; a chegada da criança e a sua adaptação; o desenvolvimento e ajustamento psicológico da criança; e, o processo de comunicação acerca da adoção.

4. Procedimentos

4.1. Procedimento de Seleção da Amostra

Todas as famílias contactadas integram o projeto IPA. O primeiro contacto para os pais foi feito pelas técnicas do Serviço de Adoções para averiguar a disponibilidade da família para participar no estudo. O segundo contacto foi estabelecido pela equipa de investigação com o objetivo de marcar as entrevistas com os pais e auscultar a disponibilidade da geração dos avós participar no estudo. Face a uma resposta positiva eram agendadas as entrevistas, realizadas maioritariamente no domicílio dos pais ou avós.

4.2. Procedimento da Recolha de Dados

No momento prévio à realização das entrevistas eram clarificados os objetivos e o âmbito da investigação em curso, sendo solicitada a assinatura de uma declaração de consentimento informado.

A duração média da entrevista aos avós foi de 92 minutos ($DP = 27.76$), variando entre 55 e 165 minutos. A entrevista aos pais tinha sensivelmente a mesma duração, com uma média de 86 minutos ($DP = 22.27$) variando entre 45 e 150 minutos. Por fim, a entrevista às 20 crianças durou em média 51 minutos ($DP = 18.62$), variando entre 30 e 100 minutos.

Finalizadas as entrevistas era oferecido aos pais um DVD com os principais resultados das investigações realizadas do âmbito do IPA, que enquanto investigação pretende ter implicações práticas e assim devolver os resultados, e as suas implicações, aos pais participantes. Além disso esta oferta é um sinal de agradecimento pela colaboração, receptividade e disponibilidade para participação no estudo.

4.3. Procedimento de Análise de Dados

Os dados recolhidos foram inseridos e analisados no programa Predictive Analytics Software Statistics (PASW) Statistics, versão 18.0 para Windows. Os procedimentos estatísticos utilizados incluem análises de estatística descritiva, medidas de dispersão e de tendência central, procedimentos de comparação de médias através do teste t de Student e análise de correlações para perceber as associações entre variáveis. Utilizou-se a análise de clusters com o objetivo de identificar grupos relativamente homogéneos de sujeitos. Recorreu-se, ainda, à utilização de procedimentos não paramétricos quando a natureza das variáveis assim o exigiu.

Nas respostas dadas a perguntas abertas, de forma a enriquecer os dados em questão, procedeu-se à análise qualitativa, utilizando para tal o método de análise de conteúdo categorial.

III. Resultados

Os resultados obtidos no presente estudo serão apresentados iniciando-se pelos dados relativos à perspectiva dos avós sobre a adoção, à sua vivência e ao impacto que esta teve nas suas vidas, procurando-se uma análise intergeracional entre avós e pais. De forma a caracterizar a vivência do processo de adoção pelos avós foram definidas dimensões relativas, nomeadamente: à chegada da criança à família; à criança na família; às consequências da adoção; às crenças sobre a adoção; e aos conceitos de adoção e de família. Por último, analisar-se-ão os resultados relativos à comunicação acerca da adoção, inicialmente na perspectiva dos avós, aprofundando de seguida para a exploração de tipos de posturas face à comunicação na família acerca da adoção e para a análise das cadeias intergeracionais de comunicação, tendo em conta a perspectiva das três gerações: avós, pais e netos. Referia-se que os resultados relativos à natureza da relação avó-netos e às representações dos avós relativamente à adoção são objeto de estudo de outra dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia realizado em articulação com o presente estudo por Monteiro (2011).

1. Vivência da adoção

a. A chegada da criança

Com o objetivo de perceber a polaridade dos sentimentos e pensamentos dos avós no momento da notícia da adoção e do primeiro contacto com a criança, foi-lhes pedido que se situassem numa escala de 1 (sentimentos/pensamentos muito negativos) a 6 (sentimentos/pensamentos muito positivos). Observaram-se diferenças significativas entre os sentimentos evocados na notícia da adoção e nos primeiros contactos com a criança ($t(57) = -2.28, p = .027$), verificando-se uma pontuação mais elevada nos primeiros contactos com a criança ($M = 5.86; DP = .395$), do que na notícia da adoção ($M = 5.62, DP = .86$). Em ambos os casos os avós descrevem sentimentos muito positivos. Relativamente aos pensamentos, revelam-se igualmente mais positivos no primeiro contacto com a criança ($M = 5.59, DP = .726$) do que na notícia da adoção ($M = 5.34; DP = 1.182$), embora as diferenças não sejam estatisticamente significativas.

Na exploração do impacto da variável relativa à linhagem dos avós sobre o tipo de sentimentos e pensamentos evocados nos dois momentos (na notícia e no primeiro contacto), verificou-se que esta apenas determina grupos estatisticamente diferentes quer ao nível dos sentimentos ($t(30.66) = -2.88, p = .007$), quer dos pensamentos ($t(34.26) = -2.87, p = .007$) no momento da notícia, tendo obtido médias superiores o grupo de avós da linhagem paterna ($M = 5.91, DP = .379; M = 5.74, DP = .666$,

respetivamente), do que o grupo de avós da linhagem materna ($M=5.26$, $DP=1.13$; $M=4.85$, $DP= 1.49$, respetivamente).

Para traduzir de uma forma global a vivência da notícia do projeto de adotar e do primeiro contacto com a criança, foi computada uma nova variável a partir das pontuações das variáveis relativas aos sentimentos e pensamentos nos dois momentos. A média desta nova variável é 5.59 ($DP= .644$), o que mostra uma vivência muito positiva nestes momentos.

Quando se comparam os sentimentos evocados pelos avós no primeiro contacto com as crianças e os sentimentos dos pais no mesmo momento verifica-se que todos os avós evocam sentimentos positivos, no entanto apenas 81.1% dos pais dizem ter experienciado o mesmo tipo de sentimentos, sendo que 15.5% dizem ter experienciado sentimentos indefinidos.

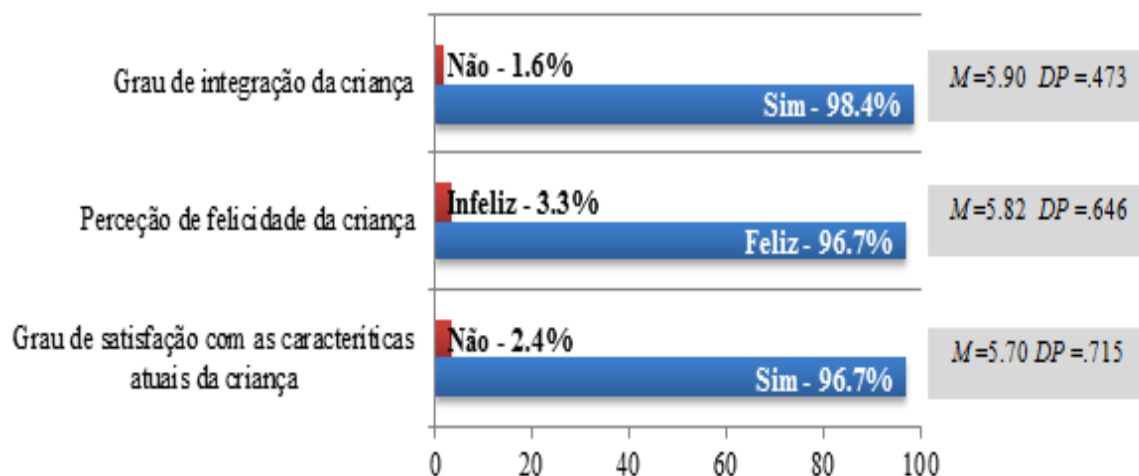
b. A criança na família

A quase totalidade dos avós (96.7%) dizem que não atribuem os comportamentos desadequados do seu neto à adoção, sendo que numa escala de 1 (discordo completamente) a 6 (concordo totalmente), a média das respostas obtidas foi 1.26 ($DP= .728$). Os avós foram ainda questionados sobre se se preocupam com o futuro do neto por este ser adotado. A média das respostas foi 1.52 ($DP= 1.120$), verificando-se que apenas 14.8% dos avós referem estar preocupados com estas questões. As preocupações destes avós prendem-se com o “receio que no futuro o neto queira procurar a família biológica” (55.6%) e com “possíveis reações negativas futuras face à adoção” (44.4%).

O gráfico 1 ilustra os resultados obtidos nas restantes variáveis relativas à vivência da adoção na família. Note-se que apesar das questões terem sido colocadas em escala de lickert de 6 pontos optou-se por dicotomizar as mesmas para se perceber melhor qual a tendência das respostas. Dicotomizaram-se as questões considerando os pontos 1, 2 e 3 como “Não” e os 4, 5 e 6 como “Sim”. Contudo apresenta-se de igual forma, no gráfico, a média obtida pelos avós em todas as questões.

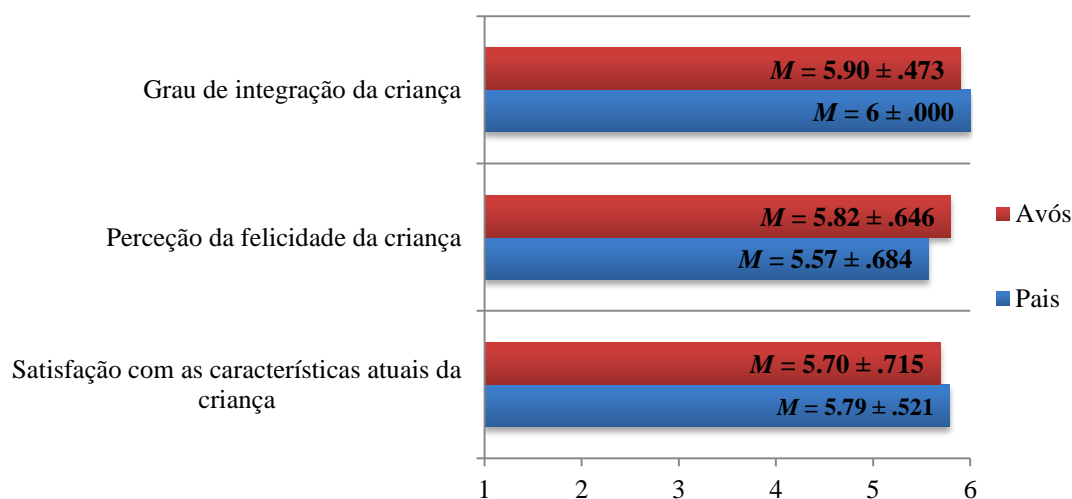
Salienta-se que o grau de satisfação com as características atuais da criança se correlaciona de forma negativa moderada, estatisticamente significativa, com a idade em que a criança foi adotada ($r=-.337$, $p= .012$). Assim, quanto menos idade a criança tinha quando foi adotada, mais os avós estão satisfeitos com as suas características atuais.

Gráfico 1 – Medidas descritivas das variáveis relativas à percepção dos Avós acerca da criança na família



Quando se compara a perspectiva dos avós com a dos pais em todas as variáveis anteriormente referidas não se verificam diferenças significativas em nenhuma variável. Estes resultados encontram-se descritos no gráfico 2.

Gráfico 2 – Medidas descritivas das variáveis relativas à vivência da adoção na família de Avós e Pais



c. Consequências da adoção

Quando se questionaram os avós sobre a percepção de felicidade que a adoção trouxe às suas vidas utilizou-se a escala de 1 (muito mais triste) a 6 (muito mais feliz), e as respostas variaram entre 3 e 6, sendo que 57.4% dos inquiridos respondeu 6. A média das respostas foi 5.36 ($DP=.857$). Esta variável correlaciona-se significativamente de

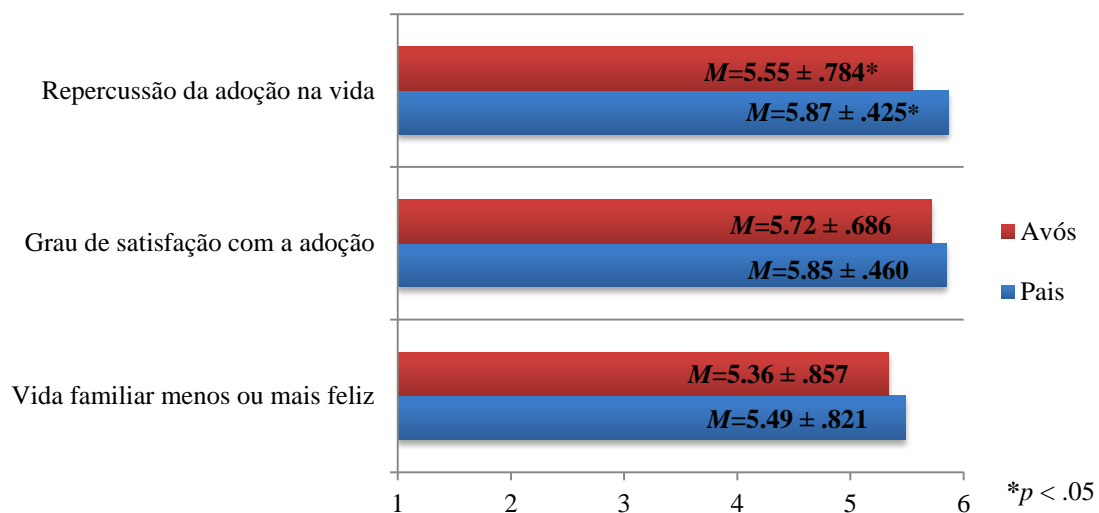
forma positiva moderada com o tempo de adoção ($r=.382$, $p=.004$), sendo que quanto maior o tempo de adoção, mais felizes estão os avós como consequência da adoção.

Relativamente à satisfação com a adoção, os avós foram solicitados a posicionar-se entre 1 (nada satisfeitos) e 6 (muito satisfeitos). As respostas obtidas variaram entre 4 e 6, por isso pode dizer-se que todos os avós estão satisfeitos com a adoção, sendo a média das respostas 5.72 ($DP=.686$).

No que respeita à repercussão que a adoção teve na vida dos avós, a escala utilizada foi já anteriormente citada: 1 (muito negativa) a 6 (muito positiva). A média das respostas foi 5.55 ($DP=.784$), tendo variado entre 3 e 6.

Após uma análise centrada na comparação da perspetiva dos pais e dos avós apenas se constatarem diferenças na variável repercussão da adoção. Os pais ($M=5.87$, $DP=.424$) referem uma maior repercussão da adoção nas suas vidas que os avós ($M=5.55$, $DP=.799$), sendo estas diferenças estatisticamente significativas ($t(57) = 2.51$, $p = .015$). O gráfico 3 ilustra estes resultados.

Gráfico 3 – Medidas descritivas das variáveis relativas à perceção das consequências da adoção para Avós e Pais



d. Crenças sobre a adoção

Relativamente às crenças sobre adoção, os avós foram questionados acerca do que consideram que influencia atualmente o comportamento das crianças adotadas: antecedentes genéticos, experiências prévias à adoção, experiências na família adotiva e influência dos amigos e do local onde vivem. Para tal utilizou-se uma escala em que os avós se tinham que posicionar entre o 1 (nada) e o 6 (completamente).

Os avós acham que o que mais influencia o comportamento atual das crianças são as experiências da criança na família adotiva ($M=4.79$, $DP=1.58$), logo seguido dos amigos e do local onde vivem ($M=4.03$, $DP=1.61$) e das experiências prévias da criança ($M=3.95$, $DP=1.73$). Por último surge a influência dos antecedentes genéticos ($M=2.64$, $DP=1.62$). As diferenças de médias entre as quatro variáveis são todas significativas à exceção da influência dos amigos e do local onde vivem e das experiências prévias à adoção, entre as quais não se verificam diferenças estatisticamente significativas. Visto que destas quatro variáveis, duas são respeitantes à influência dos acontecimentos anteriores à adoção (influência dos antecedentes genéticos e influência das experiências prévias à adoção) e se correlacionam de forma positiva moderada entre si ($r = .39$, $p = .002$), e as outras duas são respeitantes à influência de experiências posteriores à adoção (influência dos amigos e local onde vivem e experiências na família adotiva) e que também se verifica uma correlação forte positiva entre elas ($r = .64$, $p = .000$) foram criadas duas novas variáveis: influência das experiências anteriores à adoção e influência das experiências posteriores à adoção.

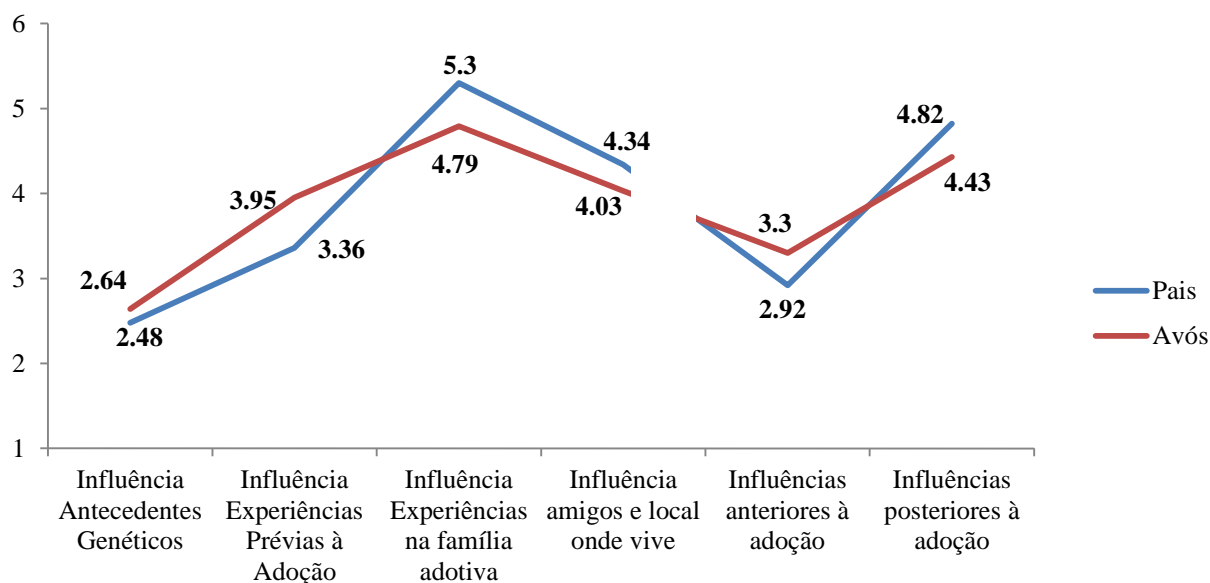
Relativamente à importância que os avós atribuem às experiências anteriores e posteriores à adoção, verifica-se a existência de diferenças estatisticamente significativas ($t(60) = -5.12$, $p = .000$) entre estas variáveis, com os avós a valorizarem mais as influências posteriores ($M=4.43$, $DP=1.43$) que as anteriores ($M=3.29$, $DP=1.40$).

Quando comparada a perspetiva dos avós com a dos pais verificam-se diferenças significativas ($t(57) = -2.09$, $p = .041$) na influência das experiências posteriores à adoção, com os pais ($M=4.82$, $DP=1.03$) a valorizá-las mais que os avós ($M=4.35$, $DP=1.43$).

O gráfico 4 ilustra as diferenças de perspetiva entre avós e pais nas variáveis relativas ao que acham que influencia o comportamento atual das crianças adotadas.

Relativamente à importância que os avós atribuem às características físicas para a aceitação e integração das crianças nas famílias adotivas, verifica-se que 65.4% dos avós acham que as características físicas são muito pouco importantes, tendo a média obtida sido 2.63 ($DP=1.97$).

Gráfico 4 – Valores médios das variáveis relativas às atribuições acerca do comportamento das crianças adotadas de Avós e Pais



e. Análise de correlações entre variáveis relativas à vivência da adoção

A análise da matriz das correlações obtidas entre as variáveis relativas à vivência do processo de adoção levou a que se destaquem as seguintes correlações estatisticamente significativas (cf. Anexo 1).

A vivência da notícia e do primeiro contacto com o neto correlaciona-se de forma positiva moderada com o grau de satisfação com as características atuais do neto ($r=.330$, $p=.009$) e com a repercussão da adoção nas vidas dos avós ($r=.325$, $p=.011$). Por conseguinte, quanto mais positiva foi a vivência da notícia e do primeiro contacto com o neto mais satisfeitos estão os avós com as características atuais do neto e maiores repercussões acham que a adoção trouxe às suas vidas.

Relativamente ao grau de satisfação com as características atuais do neto verificou-se uma correlação forte positiva com o grau de integração do neto na família ($r=.603$, $p=.000$) e uma correlação positiva moderada com a repercussão da adoção nas suas vidas ($r=.337$, $p=.008$). Logo, quanto mais satisfeitos os avós estão com as características atuais do neto mais acham que ele está integrado na família e maior repercussão teve a adoção nas suas vidas.

Por outro lado, o grau de integração da criança na família correlaciona-se de forma negativa moderada com a atribuição à adoção dos comportamentos desajustados do neto ($r=-.311$, $p=.015$), sendo que quanto mais os avós consideram que o neto está integrado na família menos atribuem comportamentos desadequados à adoção.

A atribuição dos comportamentos desadequados à adoção correlaciona-se de forma negativa forte com a percepção de felicidade do neto ($r=-.642$, $p=.000$), verificando-se que quanto mais os avós atribuem os comportamentos desadequados à adoção menos acham que o neto está feliz com a adoção. Por outro lado, a preocupação com o neto por ele ser adotado correlaciona-se também de forma negativa moderada com o grau de satisfação com a adoção ($r=-.370$, $p=.003$), sendo que quanto mais os avós estão preocupados com o futuro do neto por ele ser adotado menos satisfeitos estão com a adoção.

Relativamente às variáveis relacionadas com as consequências da adoção verificam-se também algumas correlações significativas. A percepção de felicidade que a adoção trouxe à vida dos avós correlaciona-se de forma positiva moderada com o grau de satisfação com a adoção ($r=.315$, $p=.013$) e de forma positiva forte com a repercussão da adoção na vida dos avós ($r=.555$, $p=.000$). Assim, quanto mais felizes os avós estão com a adoção, mais satisfeitos também se encontram com a mesma e maiores repercussões percebem nas suas vidas.

Da mesma forma, verifica-se uma correlação positiva forte entre o grau de satisfação com a adoção e a repercussão da adoção na vida dos avós ($r=.581$, $p=.000$). Quanto mais repercussões positivas a adoção teve na vida dos avós, mais satisfeitos estes estão com a adoção.

Relativamente às variáveis relacionadas com as crenças sobre a adoção também se verificam algumas correlações significativas. A importância das características físicas para a aceitação e integração do neto correlaciona-se de forma positiva moderada com o grau de dissemelhança entre as famílias convencionais e adotivas ($r=.373$, $p=.003$) e com a influência dos antecedentes genéticos no comportamento das crianças adotadas ($r=.354$, $p=.005$). Assim sendo, quanto mais importância os avós atribuem às características físicas da criança adotada para a sua integração e aceitação na família, maiores diferenças percebem entre famílias adotivas e biológicas e mais acham que os antecedentes genéticos têm influência no comportamento atual dos seus netos.

2. Conceito de adoção e de família adotiva

Os conceitos de adoção e de família adotiva foram explorados na entrevista aos avós com as perguntas: “o que é adoção?” e “o que é uma família adotiva?”.

Para o estudo destas questões procedeu-se ao método qualitativo de análise de conteúdo categorial, tendo sido definidas categorias de caracterização das respostas dos

avós. O quadro 2 apresenta as categorias criadas e exemplos ilustrativos das respostas dadas pelos avós.

Quadro 2 - Exemplos de respostas dadas pelos avós à pergunta “O que é a adoção?”

Adoção é a satisfação das necessidades e desejos dos adultos (31.3%)
- “É uma boa graça para os casais que não podem ter filhos”
- “É uma sorte grande para as famílias que querem ter filhos”
- “Permite ter filhos aqueles que não conseguem”
- “É muito precisa. O fundamental é ter filhos biológicos, mas se não conseguem... é um ato de coragem”
Adoção é a satisfação das necessidades e desejos da criança (17.2%)
- “Ato de amor e bondade para com uma criança”
- “É dar prioridade e atenção aqueles que necessitam de amor”
- “É dar colo e amor a alguém. É uma forma de dar afeto a quem não tem”
- “É uma coisa muito boa. Dar uns pais em condições às crianças que não os tiveram”
Adoção é a satisfação das necessidades e desejos das crianças e dos pais (12.2%)
- “Preenchimento da felicidade do casal e início da felicidade de uma criança”
- “É um elemento da família que vai entrar. É trazer alguém para nós e nós para ele”
- “Duas componentes: primeiro completar uma família que não tem filhos. Segundo dar apoio a crianças desamparadas, dar amor e carinho”
Adoção é assumida como semelhante à parentalidade biológica (27.7%)
- “É natural, é nascer a criança quando é entregue à família adotiva. É nascer do coração”
- “É o nascimento de mais um membro da família”
- “É a mesma coisa que o nascimento, é mais um filho para a família”
- “É o nascimento quando a família quer dar amor”
Outras, traduzindo uma apreciação positiva da adoção (11.5%)
- “Foi uma coisa boa. Uma alegria”
- “É uma benção de Deus”
- “É um feito muito bonito. É uma grandiosidade e a alegria de uma vida”
- “É a melhor coisa que as pessoas podem fazer umas pelas outras por amor”

No seguimento da análise de conteúdo que se fez para o conceito de adoção, procedeu-se de igual forma para explorar as questões dos avós relativas à questão “o que é uma família adotiva?”. As categorias de resposta consideradas foram: “expressão de rejeição das diferenças entre família adotiva e convencional” e “expressão de reconhecimento de alguma diferença entre família adotiva e convencional”.

O quadro 3 apresenta as categorias criadas e exemplos ilustrativos das respostas dadas pelos avós.

Quadro 3 - Exemplos de respostas dadas pelos avós à pergunta “O que é uma família adotiva?”

Expressão de rejeição das diferenças entre família adotiva e convencional (64.9%)
- “Na gênese está o querer ser pai. Famílias em tudo iguais às biológicas”
- “É uma família que dá amor, que trata bem. Não há diferença em relação às outras”
- “É tudo igual, é muito bom. É viverem em harmonia e paz e fazerem tudo juntos e o melhor uns pelos outros”
“É uma família igual às outras. São filhos, netos e pais”
Expressão de reconhecimento de alguma diferença entre família adotiva e convencional (34.8%)
- “Família melhor que uma convencional. São pessoas que desejaram muito um filho e por isso é melhor”
- “É igual mas com ainda mais alguma coisa. É o preenchimento da felicidade. É a partilha de felicidade para mais uma criança”
- “Tem o gosto e a necessidade de ter mais alguém para dar amor”
- “Família onde em vez de laços de sangue existem laços de amor”

Os avós foram ainda inquiridos com uma pergunta fechada com resposta em escala tipo lickert acerca se consideram que as famílias convencionais e as adotivas são semelhantes entre si. Os avós consideram que as famílias convencionais e adotivas são semelhantes, visto que 85.2% dos avós acha que estas são totalmente semelhantes e apenas 4.9% (3 sujeitos) referem que existem diferenças entre estes dois tipos de famílias. Utilizando a mesma escala foi, ainda, perguntado aos avós se acham que a sua família, por ter uma criança adotada, é semelhante ou diferente das convencionais. Os avós não percecionam diferenças entre a sua família, por terem uma criança adotada, e as famílias convencionais, visto que 95.1% dos avós acham que as famílias são totalmente semelhantes.

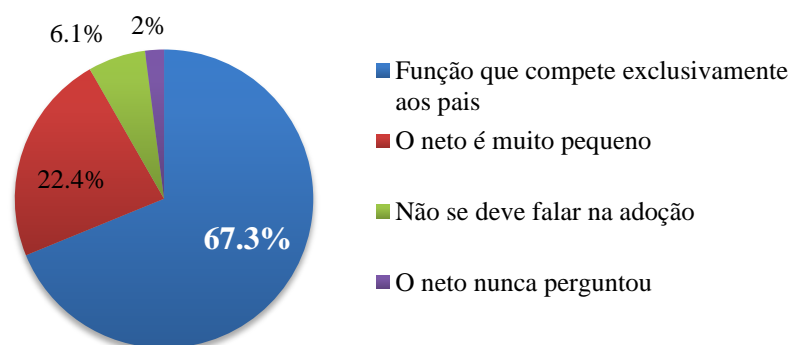
3. Comunicação sobre a adoção

Relativamente à comunicação sobre a adoção, dos 61 avós inquiridos, a maioria (75.4%) até ao momento da entrevista não tinha falado sobre a adoção com o seu filho depois do neto estar na família. Os avós que falaram (24.6%) fizeram-no para “valorizar a adoção” (73.3%), para “recomendar ao filho que não falasse sobre a adoção” (6.7%), para “dar conselhos ao filho de forma a tranquilizar a criança” (6.7%), para “descrever todo o processo de adoção” (6.7%) e para “aconselhar o filho para ser firme face aos problemas que pudessem advir” (6.7%). Segundo os avós inquiridos estas conversas surgiram, maioritariamente, quando “começaram a sentir que a criança estava adaptada

à família” (73.3%), “quando surgem problemas” (13.3%), “quando dão notícias na televisão sobre a temática” (6.7%) ou “quando a criança tem medo de ser procurada pela família biológica” (6.7%).

Por outro lado, quando questionados sobre se já falaram com o neto sobre a mesma temática, 49 avós (80.3%) dizem que ainda não o fizeram. As razões apontadas para este facto encontram-se descritas no gráfico 5.

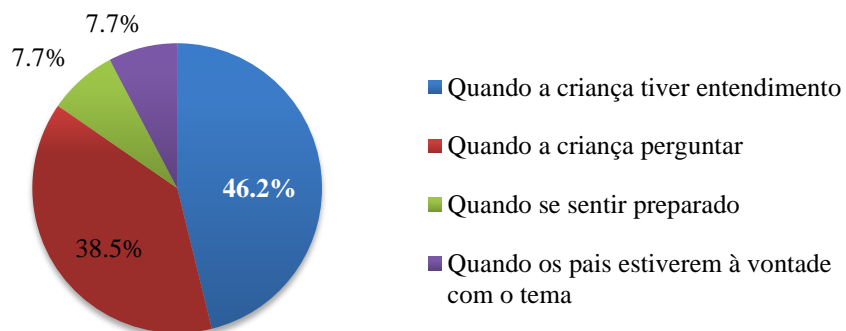
Gráfico 5 – Distribuição de frequência das razões dos Avós para não falarem sobre a adoção com os netos



Encontraram-se associações significativas ($X^2_{(9)}=23.87$, $p=.005$) entre a comunicação sobre a adoção com o neto e a idade dos netos, sendo que os avós com netos mais velhos têm tendência a falar sobre a adoção.

A maioria dos avós que nunca falou com o neto sobre a adoção não pensa fazê-lo (73.5%), ao contrário dos restantes 26.5%, que pensam falar com a criança mais tarde. O gráfico 6 mostra qual será a melhor ocasião, segundo os avós, para o fazer.

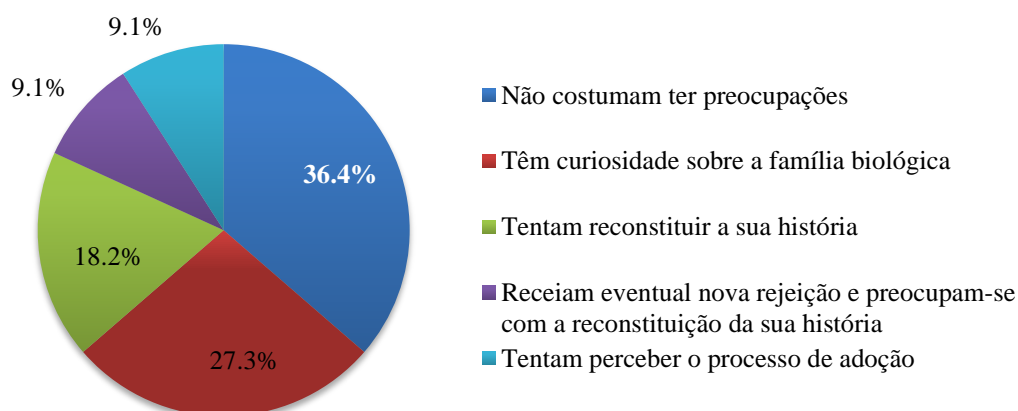
Gráfico 6 - Distribuição de frequências da variável relativa às intenção dos Avós para falar com os netos sobre a adoção



Nos casos em que os avós falaram com o neto sobre adoção, esta conversa surgiu, na maioria das situações, por iniciativa da criança (66%), ocorrendo 17% por iniciativa dos avós e 17% de forma indiferenciada tanto pelos avós como pelos netos.

As conversas sobre adoção que os netos estabelecem com os avós surgem, na maioria das vezes, “quando vêem notícias sobre adoção na televisão” (45.5%), quando “têm dúvidas sobre a adoção” (27.3%), “quando surgem problemas” (9.1%) ou “quando a criança fala com amigos adotados” (9.1%). A maior parte dos avós diz que os netos não têm preocupações no que respeita à adoção (36.4%) (Gráfico 7).

Gráfico 7 - Distribuição de frequências da variável relativa às preocupações demonstradas pelas crianças quando falam com os avós sobre a adoção



Metade dos avós inquiridos (50%) costuma contar as conversas que têm com os netos acerca da adoção aos seus filhos, enquanto outra metade (50%) não o costuma fazer. Ainda assim, todos os que fazem referem que a reação do filho é positiva ($M=5.40$, $DP=.894$).

Relativamente à frequência da comunicação da adoção esta variou entre nunca (80.3%) e sempre que é oportuno (3.3%).

Quando questionados sobre a avaliação da forma como trataram o tema da comunicação sobre a adoção com a criança, os avós dizem-se satisfeitos, sendo que numa escala de 1 (discordo totalmente) a 6 (concordo totalmente), a média das respostas foi 5.25 ($DP=.965$, $n=12$).

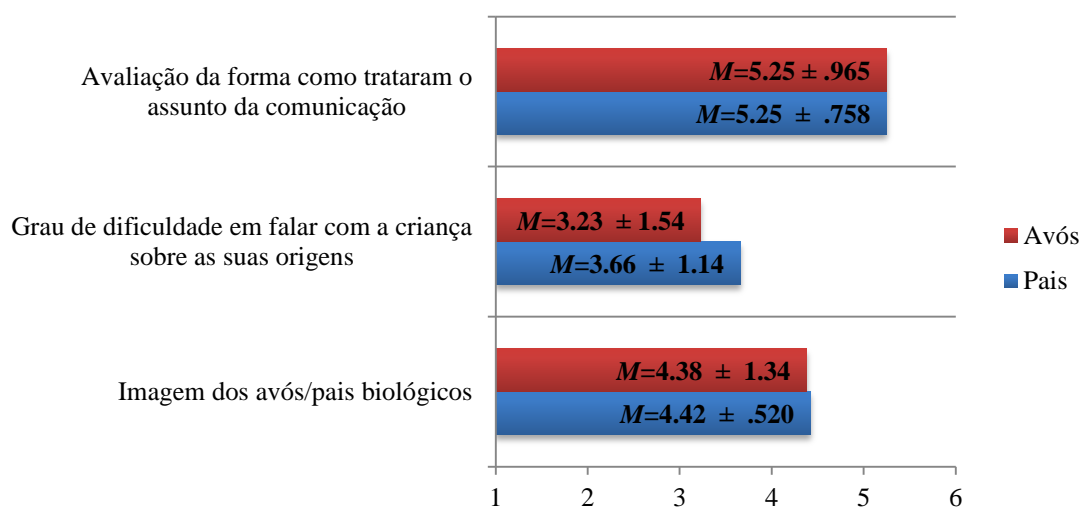
Em relação à dificuldade em falar com o neto sobre as origens dele, numa escala de 1 (muito difícil) a 6 (muito fácil), a média das respostas dos avós foi 3.23 ($DP=1.54$), sendo que 57.1% dos avós acha difícil falar com o neto acerca das suas origens e 42.9% acha fácil.

No que diz respeito à imagem que os avós adotivos querem que os netos tenham dos avós biológicos, utilizando-se uma escala de 1 (muito negativa) a 6 (muito positiva), obteve-se uma média de 4.38 ($DP=1.34$). A maioria dos avós, 78.3%, dizem desejar que as crianças desenvolvam uma imagem positiva dos seus avós biológicos, sendo que os restantes 21.7% dizem desejar que construam uma imagem negativa.

A comunicação com o neto sobre a adoção determina diferenças entre avós, no que diz respeito ao grau de dificuldade em falar com a criança sobre as suas origens ($t(54) = -2.74, p = .008$) e à imagem que os avós adotivos desejam que os netos construam dos avós biológicos ($t(58) = -4.19, p = .000$). Assim os avós que já falaram com o neto sobre a adoção acham mais fácil falar com a criança sobre as origens ($M=4.25, DP=1.49$) que os que ainda não falaram ($M=2.95, DP=1.45$) e desejam que as crianças construam uma imagem mais favorável dos avós biológicos ($M=5.67, DP=.651$), que os restantes ($M=4.06, DP=1.28$).

Quando se compara a perspetiva dos avós com a dos pais nas variáveis relativas às questões da comunicação sobre a adoção (gráfico 8) verificam-se diferenças na questão se já falou com o neto ou com o filho sobre a adoção ($X^2(1) = 5.28, p = .022$), falando mais os pais com os seus filhos sobre a adoção do que os avós com os netos. Salienta-se que, no momento da entrevista 70.5% dos pais já tinham falado com a criança sobre a adoção mas apenas 19.7% dos avós o tinha feito. Além disso, dos pais que ainda não falaram sobre a adoção com a criança apenas 1.7% não pensa fazê-lo.

Gráfico 8 – Medidas descritivas das variáveis relativas às questões da comunicação sobre adoção de Avós e Pais



Na entrevista aos avós também foram colocadas questões sobre as crenças acerca da comunicação. Quando os avós foram questionados sobre se acham que as crianças adotadas se interessam pela vida prévia à adoção e pelas razões pelas quais foram encaminhadas para a adoção as respostas dividem-se pois 52.5% dos avós acham que não e 47.5% acham que os netos se interessam, sendo a média das respostas 3.13 ($DP=1.80$).

Relativamente a se acham que os netos procurarão a família biológica quando crescerem, 57.4% dos avós acham que sim e 46.6% acham que tal não irá acontecer. A média de resposta dos avós foi 3.31 ($DP=1.29$). Verifica-se a existência de uma correlação positiva fraca, estatisticamente significativa, entre esta variável e a preocupação com o futuro do neto por ele ser adotado ($r= .267, p=.038$). Assim, quanto mais preocupados os avós estão com o futuro dos netos por eles serem adotados, mais acham que estes quando crescem procuram a família biológica.

A maioria dos avós, 63.9% considera que se não for a criança a puxar o assunto da adoção não devem falar nisso, sendo que 47.5% destes avós concordam totalmente com a afirmação. O mesmo se passa quando questionados sobre se acham que é melhor para as crianças esquecerem o seu passado. Nesta última variável, 73.8% dos avós concordam com esta crença, sendo que 59% destes concordam totalmente com a mesma.

No confronto das duas perspetivas, pais e avós, verificam-se diferenças significativas nas crenças da comunicação: “se não for a criança a puxar o assunto da adoção não devemos falar nisso” e “é melhor para a criança que esqueça o seu passado”.

Na primeira variável, “se não for a criança a puxar o assunto da adoção não devemos falar nisso”, os pais ($M=5.15, DP=1.06$) concordam mais com esta afirmação do que os avós ($M=4.26, DP=2.02$), sendo estas diferenças de média significativas ($t(57) = 2.74, p = .008$). Na segunda variável, “é melhor para a criança que se esqueça do seu passado”, os avós ($M=4.55, DP=1.96$) concordam mais com a afirmação do que os pais ($M=2.75, DP=1.32$), verificando-se diferenças significativas ($t(54) = -6.49, p = .000$).

a. Tipos de postura acerca da comunicação sobre a adoção nas famílias

Com o objetivo de identificar, entre os participantes, grupos homogêneos de avós no que diz respeito às posturas acerca da comunicação sobre a adoção, procedeu-se a uma análise de clusters – método que agrupa os indivíduos de acordo com a sua

semelhança, de forma a que os indivíduos de determinado grupo sejam tão semelhantes quanto possível - recorrendo às seguintes variáveis: se não for a criança a puxar o assunto da adoção não se deve falar nisso; é melhor para a criança que esqueça por completo o seu passado; imagem que os avós querem que as crianças tenham dos avós biológicos; frequência com que falam com a criança sobre a adoção; e, a opinião sobre o interesse da criança pela vida prévia à adoção e pelas razões pelas quais foi encaminhada para a adoção.

Foram considerados dois *clusters*, reunindo o primeiro 28 casos e o segundo 32. O quadro 4 apresenta uma comparação dos dois *clusters* no que respeita às variáveis utilizadas na sua composição.

O *cluster* 1 reúne os avós que discordam não só que se não for a criança a puxar o assunto da adoção não se deve falar nisso, mas também que é melhor para a criança que esqueça por completo o seu passado. Estes avós querem que os netos construam uma imagem mais positiva dos avós biológicos que os pertencentes ao *cluster* 2, falam sobre a adoção com o neto com maior frequência, embora raramente, e acham que as crianças se interessam pela vida anterior à adoção e pelas razões pelas quais foram encaminhadas para a adoção. Assim, este *cluster* foi denominado *grupo de avós com uma postura de abertura na comunicação*.

Por outro lado, o *cluster* 2 reúne os avós que concordam totalmente não só que se não for a criança a puxar o assunto da adoção não se deve falar nisso mas também que é melhor para a criança que esqueça por completo o seu passado. Este grupo deseja igualmente que as crianças construam uma imagem positiva dos avós biológicos. Verifica-se, ainda, que quase nunca falam com os netos sobre a adoção e acreditam que estes não se interessam pela vida prévia à adoção e pelos motivos pelos quais foram encaminhados para a adoção. Consequentemente, este *cluster* foi denominado *grupo de avós com uma postura de comunicação fechada*.

Os *clusters* dos avós identificados não diferem quanto ao sexo do avô, nem quanto ao sexo da criança. Da mesma forma também não se verificam diferenças relativamente à idade atual da criança, à idade da criança no momento da adoção, à idade dos avós, ao tempo de adoção, nem ao número de anos de escolaridade dos mesmos.

Quadro 4 - Comparação dos *clusters* de comunicação na perspectiva dos avós nas variáveis utilizadas para a sua composição

	<i>Cluster 1*</i>	<i>Cluster 2**</i>	<i>P</i>
Se não for a criança a puxar o assunto da adoção não devemos falar nisso	<i>Discordam</i> <i>M=2.64 DP=1.68</i>	<i>Concordam Totalmente</i> <i>M=5.66 DP=.971</i>	.000
É melhor para a criança que esqueça por completo o seu passado	<i>Discordam</i> <i>M=3.14 DP=1.88</i>	<i>Concordam Totalmente</i> <i>M=5.94 DP=.246</i>	.000
Imagem que os avós querem que os netos tenham dos avós biológicos	<i>Positiva</i> <i>M=4.79 DP=1.13</i>	<i>Positiva</i> <i>M=4.03 DP=1.43</i>	.028
Frequência com que fala com o neto sobre a adoção	<i>Raramente</i> <i>M=1.00 DP=1.91</i>	<i>Nunca</i> <i>M=0.22 DP=.659</i>	.034
Interesse forte da criança no seu passado e nos motivos da adoção	<i>Concordam</i> <i>M=3.93 DP=1.72</i>	<i>Discordam</i> <i>M=2.50 DP=1.61</i>	.002
N TOTAL	28	32	

* *Cluster 1*: Grupo de avós com uma postura de abertura na comunicação

** *Cluster 2*: Grupo de avós com uma postura de comunicação fechada

O mesmo procedimento de análise de *clusters* foi utilizado tendo em consideração a perspectiva dos pais sobre a comunicação acerca da adoção, tendo-se recorrido às seguintes variáveis: frequência com que os pais falam com o filho sobre a adoção; imagem que os pais querem que os filhos tenham dos pais biológicos; se não for a a criança a puxar o assunto da adoção não devemos falar nisso; e, é melhor para a criança que esqueça o seu passado. Salienta-se que estas quatro variáveis são semelhantes às utilizadas para definição dos clusters dos avós.

Foram considerados dois clusters, em que o primeiro reúne 24 casos e o segundo 31 casos. O quadro 5 apresenta uma comparação dos dois clusters no que respeita às variáveis utilizadas para a sua composição.

Por conseguinte, o *cluster 1* reúne os pais que falam acerca da adoção com os filhos com maior frequência. Estes pais discordam não só que se não for a criança a puxar o assunto da adoção não devem falar nisso, mas também que é melhor para a criança esquecer por completo o seu passado. Desejam, ainda, que os filhos construam uma imagem positiva dos pais biológicos. Assim, este *cluster* foi denominado *grupo de pais com uma postura de abertura na comunicação*.

Por outro lado, o *cluster 2* reúne os pais que concordam que se não for a criança a puxar o assunto da adoção não devem falar nisso, discordam que é melhor para a criança esquecer por completo o seu passado e querem, igualmente, que os seus filhos tenham uma imagem positiva da família biológica. Todavia, falam menos

frequentemente com as crianças acerca da adoção. Consequentemente, este *cluster* foi denominado *grupo de pais com uma postura de comunicação fechada*.

Quadro 5 - Comparação dos Clusters de comunicação na perspectiva dos pais nas variáveis utilizadas para a sua composição

	<i>Cluster 1*</i>	<i>Cluster 2**</i>	<i>p</i>
Se não for a criança a puxar o assunto da adoção não devemos falar nisso	<i>Discordam totalmente</i> <i>M=2.04 DP=.560</i>	<i>Concordam muito</i> <i>M=5.37 DP=1.01</i>	.000
É melhor para a criança que esqueça por completo o seu passado	<i>Discordam pouco</i> <i>M=3.19 DP=1.42</i>	<i>Discordam</i> <i>M=2.42 DP=1.14</i>	.030
Opinião relativa aos pais biológicos	<i>Positiva</i> <i>M=4.44 DP=.306</i>	<i>Positiva</i> <i>M=4.55 DP=.472</i>	.322
Frequência com que os pais falam sobre a adoção com a criança	<i>Algumas Vezes</i> <i>M=2.38 DP=.495</i>	<i>Poucas Vezes</i> <i>M=1.16 DP=1.00</i>	.000
N TOTAL	24	31	

* Cluster 1: Grupo de pais com uma postura de abertura na comunicação

** Cluster 2: Grupo de pais com uma postura de comunicação fechada

Os *clusters* identificados não diferem quanto ao sexo da figura parental nem quanto ao sexo da criança. De igual forma também não se verificam diferenças relativamente à idade atual da criança, à idade da criança no momento da adoção, ao tempo de adoção, à idade da figura parental, nem ao número de anos de escolaridade da mesma.

Na continuação do estudo de Ferreira (2010) utilizaram-se os mesmos *clusters* definidos naquela investigação para a exploração da perspectiva das crianças acerca da comunicação¹.

O quadro 6 apresenta uma comparação dos dois *clusters* no que respeita às variáveis utilizadas para a sua composição.

Assim, o *cluster* 1 corresponde ao *grupo de crianças com comunicação aberta e atempada, na perspectiva das crianças* e o *cluster* 2 ao *grupo de crianças com comunicação fechada e atrasada*. Salienta-se que dos 20 netos participantes na presente investigação, 14 (70%) pertencem ao *cluster* 1 e 6 (30%) pertencem ao *cluster* 2.

¹ Refira-se que as crianças participantes no presente estudo fazem parte do estudo conduzido por Ferreira (2010) sobre a perspectiva das crianças acerca do processo de comunicação sobre a adoção na família.

Quadro 6 - Comparação dos Clusters de comunicação na perspectiva das crianças nas variáveis utilizadas para a sua composição

	Cluster 1*	Cluster 2**	p
Idade da criança no momento da primeira comunicação	<i>M=4.7 (DP=1.1)</i>	<i>M= 8.2 anos (DP=1.4)</i>	.000
Indicador de <i>timing</i> da primeira comunicação	<i>Bom Timing</i>	<i>Timing Atrasado</i>	.000
Número de vezes que os pais falaram com a criança acerca da adoção	<i>Algumas vezes</i>	<i>Algumas vezes</i>	.970
Facilidade com que a criança aborda o tema da adoção	<i>Fala com facilidade</i>	<i>Não fala com facilidade</i>	.040
Variável compósita da revelação social	<i>Abertura moderada em termos sociais</i>	<i>Abertura moderada em termos sociais</i>	.110

* *Cluster 1*: Grupo de crianças com comunicação aberta e atempada

** *Cluster 2*: Grupode crianças com comunicação fechada e atrasada

4. Cadeias intergeracionais de comunicação

Com o objetivo de abordar intergeracionalmente o processo de comunicação sobre a adoção, procedeu-se ao confronto da postura de cada elemento da geração em cada família (Avós-Pais-Netos) quanto à abertura da comunicação sobre a adoção. Por outras palavras, analisaram-se as três gerações da família, tendo em conta a sua postura em termos de abertura acerca da comunicação sobre a adoção e confrontaram-se os três elementos da família, avós, pais e netos. Note-se que esta análise só pôde ser realizada em 19 famílias visto que nas restantes famílias não se dispunha das informações necessárias relativas às três gerações, em grande parte porque apenas 20 crianças responderam à ECAA.

Desta análise foi possível identificar padrões distintos:

- Tipo I - Cadeia intergeracional de comunicação fechada nas três gerações
- Tipo II – Cadeia intergeracional de comunicação fechada em duas gerações sem continuidade
- Tipo III - Cadeira intergeracional de abertura na comunicação em duas gerações sem continuidade
- Tipo IV - Cadeira intergeracional de abertura na comunicação em duas gerações com continuidade
- Tipo V - Cadeia intergeracional de comunicação aberta nas 3 gerações

Constatou-se que existem duas famílias que apresentam uma cadeia de tipo I, ou seja, as três gerações destas famílias apresentam uma postura de comunicação fechada.

Relativamente às famílias de cadeia intergeracional de tipo II, verificou-se que existe uma família com este padrão. Nesta família, no sistema grã-parental verifica-se uma postura de comunicação fechada, no sistema parental uma postura de abertura face à comunicação e o neto apresenta um estilo de comunicação fechado e atrasado. Uma análise detalhada deste padrão intergeracional, permitiu compreender as circunstâncias pelas quais o neto se inclui num estilo de comunicação fechada e atrasada. Verificou-se que esta criança se destaca pelo *timing atrasado* da revelação da adoção. Tem atualmente 11 anos, tendo sido adotada aos 2 anos. Os pais tiveram a primeira conversa sobre a adoção aos 8 anos, tendo sido, segundo a criança, uma conversa tensa e iniciada pelos pais. A partir daí os pais falaram com muita frequência sobre o tema mas a criança não se sente bem a falar sobre o mesmo. Assim, diz que o tema lhe interessa, que tem curiosidade sobre o mesmo, mas que para si é difícil falar no assunto.

Em relação às cadeias intergeracionais de tipo III, verifica-se a existência de cinco famílias. Estas famílias caracterizam-se por o sistema grã-parental ter uma postura de abertura face à comunicação, pelo sistema parental ter uma postura de comunicação fechada e pelas crianças apresentarem um estilo de comunicação aberto e atempado. Para se perceber este resultado, mais uma vez, se procedeu a uma análise mais cuidada destas famílias, que permitiu perceber que em quatro destas famílias os avós falam com os netos sobre o seu estatuto de adotados. No caso da criança que o avô participante não fala, a criança referiu que um dos seus avós (que não participou no estudo) costuma falar com ela sobre o tema.

Nas cadeias intergeracionais de tipo IV encontraram-se dois tipos de famílias, famílias com continuidade nas duas primeiras gerações e descontinuidade na terceira; e, famílias com continuidade na segunda e terceira gerações e descontinuidade face à primeira.

Em duas famílias participantes tanto os avós como os pais apresentam uma postura de abertura de comunicação e as crianças inserem-se num estilo de comunicação fechada. Uma análise detalhada destas famílias, evidenciou as circunstâncias associadas a um estilo de comunicação fechado e atrasado na geração dos netos. A criança de uma destas famílias tem nove anos atualmente e foi adotada com um ano. Os pais referem que falaram com ela pela primeira vez sobre a adoção aos três anos, mas a criança só se recorda da primeira conversa aos seis anos. A criança recorda-se que foi ela a iniciar esta conversa e salienta que a mesma foi tensa. A criança refere ainda que não fala muitas

vezes sobre a adoção, que não se sente bem em fazê-lo, apesar de ter curiosidade na temática.

A criança da segunda família que apresenta uma cadeia intergeracional de tipo IV, com continuidade de abertura nas duas primeiras gerações e descontinuidade na terceira, tem atualmente 14 anos, tendo sido adotada aos 10. Recorda-se com particular dificuldade de ter ido a tribunal pronunciar-se quanto ao seu projeto de vida orientado para a adoção e rejeição da família biológica. Lembra-se, ainda, que de seguida teve que confrontar a mãe biológica e comunicar-lhe a opção feita. Está atualmente preocupada com a falta de notícias da família biológica e diz que tem curiosidade sobre a mesma. Antes de ter sido adotada pela família atual já tinha vivido uma situação de interrupção da adoção durante o período de pré-adoção. Acha difícil falar sobre a adoção apesar do tema lhe suscitar muita curiosidade.

Em sete outras famílias foi identificada uma cadeia intergeracional de tipo IV com continuidade de abertura nas duas últimas gerações e com descontinuidade relativamente à geração dos avós. De facto, os avós apresentam uma postura de comunicação fechada e tanto os pais como os netos apresentam uma postura de abertura de comunicação.

Por último, duas famílias apresentam uma cadeia intergeracional de tipo V, ou seja, em que as três gerações evidenciam uma postura de abertura face à comunicação acerca da adoção.

Em relação às restantes famílias em que não se dispõe de informação relativa às três gerações, foi analisada a continuidade ou descontinuidade existente entre as gerações dos avós e dos pais no que diz respeito à sua postura face à comunicação sobre a adoção. Por conseguinte, identificaram-se dez famílias que apresentam continuidade na postura de comunicação acerca de adoção, verificando-se em oito delas uma postura de comunicação fechada nas duas primeiras gerações enquanto que em duas famílias a continuidade se refere à abertura, apresentando tanto os avós como os pais, uma postura de comunicação aberta acerca da adoção.

Por fim, em 23 famílias identificou-se uma descontinuidade na postura de comunicação nas duas gerações. Em nove destas famílias, os avós têm uma postura de comunicação fechada e os pais, uma postura de abertura. Em 14 outras famílias, verifica-se exatamente o contrário, visto que os avós têm uma postura de abertura de comunicação e os pais apresentam uma postura de comunicação fechada.

IV. Discussão de Resultados

Após a apresentação dos resultados obtidos no estudo empírico, proceder-se-á à discussão dos mesmos, procurando ir de encontro aos objetivos de investigação formulados.

1. Vivência da adoção

Os resultados deste estudo evidenciam que os avós experienciam a notícia da adoção e o primeiro contacto com o neto de forma muito positiva. Realça-se que, tanto os pensamentos como os seus sentimentos, nos dois momentos, são extremamente positivos, embora os sentimentos sejam mais favoráveis quando os avós conhecem os netos. Assim, o conhecimento da criança faz com que surjam sentimentos ainda mais positivos do que no momento da notícia, onde a criança é apenas abstratamente imaginada. Estes resultados vão ao encontro dos resultados de Pitcher (2009) em que os avós se diziam ansiosos antes de conhecer a criança mas satisfeitos e felizes depois de a conhecerem e de se sentirem aceites por ela. Os avós paternos, nesta investigação, disseram experienciar sentimentos mais positivos que os maternos no momento em que lhes foi dada a notícia da adoção. No entanto, estes resultados são dissonantes com a investigação existente, em que os avós maternos, geralmente as avós, são quem estabelece uma relação de maior proximidade e envolvimento com a família e com a criança (Pitcher, 2009).

A vivência da notícia e do primeiro contacto com o neto correlaciona-se de forma positiva com o grau de satisfação com as características atuais do neto e com a repercussão da adoção nas suas vidas. Os avós que receberam melhor a notícia da adoção e que experienciaram pensamentos e sentimentos mais positivos no primeiro contacto com o neto, parecem ter aceite e integrado de forma mais positiva os netos como seres com uma individualidade própria, com as suas idiossincrasias, com características específicas e com uma história de vida prévia, uma vez que atualmente estão mais satisfeitos com as características atuais da criança e identificam repercussões mais positivas da adoção nas suas vidas. Possivelmente estes avós aceitaram melhor a criança e isso permitiu que construíssem mais rapidamente um vínculo afetivo.

Todos os avós disseram ter experienciado sentimentos positivos quando estiveram pela primeira vez com o neto, no entanto, 15.5% dos pais dizem ter vivenciado sentimentos indefinidos. Tal pode dever-se às angústias dos pais sobre a adaptação da criança, à capacidade da criança e deles próprios estabelecerem um vínculo afetivo. Além disso, pode dever-se ao confronto das suas expectativas com a

realidade da criança acolhida, à preocupação do casal com a parentalidade. Assim, parecem ser várias as preocupações dos pais quando estão com as crianças pela primeira vez. Os avós logo no primeiro momento mostram-se felizes, visto que segundo os cinco estádios do desenvolvimento das relações emocionais entre avós e netos adotados, os avós começam por mostrar-se satisfeitos e felizes, pois vêem os netos adotados como a satisfação da vontade dos filhos em serem pais (Degani, et al., 2007).

Relativamente à integração e adaptação da criança na família adotiva, os avós acham que os seus netos estão plenamente integrados na família, dizem que a criança está muito feliz por ter sido adotada e encontram-se muito satisfeitos com as características atuais dos netos. No entanto, constatou-se uma correlação negativa entre as características atuais da criança e a idade em que a criança foi adotada. A investigação mostra que para os avós as semelhanças da criança com algum membro da família são importantes para o fortalecimento do vínculo que se estabelece com os avós (Pitcher, 2009). Quanto mais tarde uma criança chega à família adotiva mais dificuldades podem manifestar os avós em identificar estas semelhanças, principalmente porque acreditam que a personalidade da criança já está formada, e em associar as características da criança a algum elemento da família. Isto pode explicar a correlação existente e a menor satisfação com as características atuais nas crianças que foram adotadas mais tardiamente.

A maioria dos avós inquiridos não atribui os comportamentos desadequados das crianças ao seu estatuto de adotadas e não se preocupa com o futuro do neto por ele ser adotado. Ainda assim, a maioria dos que se preocupa fá-lo devido ao receio da busca das origens que pode acontecer com o crescimento da criança. Este aspeto será alvo de maior reflexão adiante. Relativamente à atribuição dos comportamentos desadequados à adoção a investigação demonstra, ao contrário do que se verificou neste estudo, que as famílias justificam os problemas de comportamento das crianças com a temática da adoção (Palacios & Sandoval, 2005).

O grau de satisfação com as características atuais do neto correlaciona-se de forma positiva com o grau de integração do neto na família e com a repercussão da adoção nas suas vidas. Verifica-se, portanto, que as características atuais do neto são, na perspetiva dos avós, importantes para a integração das crianças na família e, simultaneamente, a perceção de integração do neto leva-os a ter uma apreciação positiva das características atuais do neto. A satisfação com estas características leva à referência de repercussões mais positivas com a adoção. Assim, o facto de os avós estarem

satisfeitos com as características das crianças pode levar a que estabeleçam com mais facilidade uma atitude empática com elas e uma relação emocional de maior afetividade e proximidade e por isso consigam identificar repercussões mais positivas derivadas da adoção.

Por outro lado, o grau de integração da criança na família correlaciona-se de forma negativa com a atribuição à adoção dos comportamentos desadequados do neto. Assim, depreende-se que os avós consideram que os comportamentos desadequados derivam da faixa etária da criança, do seu período desenvolvimental, das suas características específicas, entre outros aspetos possíveis, e não da adoção como problema que provoca comportamentos desadequados.

Esta última variável, a atribuição dos comportamentos desadequados à adoção correlaciona-se de forma negativa com a perceção de felicidade do neto e com o grau de satisfação com a adoção. Assim, os avós que atribuem os comportamentos desadequados do neto à adoção acham que a criança não está tão feliz por ter sido adotada. É possível que estes avós considerem que os comportamentos desadequados do neto sejam uma expressão desta infelicidade. Seguindo a mesma linha de pensamento, estes avós podem estar menos satisfeitos com a adoção por estas mesmas razões.

No que respeita às consequências da adoção experienciadas pelos avós, os resultados evidenciam que os avós estão muito satisfeitos com a adoção e consideram que a vida familiar como consequência da adoção, ficou mais feliz. Esta felicidade é tanto maior quanto há mais tempo a criança estiver na família adotiva. Tal facto pode dever-se, nomeadamente, ao sentimento de que há quanto mais tempo a criança está na família, mais integrada esta está na mesma e já se ultrapassou a fase de adaptação mútua, da criança à família e da família à criança. Relaciona-se também com o sentido de pertença da criança à família e da família à criança. Da mesma forma, a literatura mostra que o estabelecimento de uma relação positiva e próxima com a criança só surge quando os avós sentem que a criança está totalmente integrada na família e manifesta semelhança com esta (Pitcher, 2009). Os avós podem começar a sentir mais felicidade familiar quando sentem que isto acontece e quando começam a estabelecer um vínculo afetivo próximo com a criança. Por conseguinte, os cinco estádios de Degani e colaboradores (2007) podem também ajudar a explicar este resultado. Nos primeiros estádios não existe um vínculo emocional forte e só a partir do 4º é que tal começa a verificar-se. Assim, parece ser necessário algum tempo para os avós sentirem que a criança é um membro integrante da família e para estabelecerem uma relação afetiva de

proximidade e, com isto, pode advir uma percepção de felicidade superior à sentida inicialmente.

No que concerne à repercussão que a adoção teve na vida dos avós, segundo as suas respostas, esta parece muito positiva. Ainda assim, quando se compara a perspectiva dos pais com a dos avós relativamente a esta questão verifica-se a existência de diferenças estatisticamente significativas, com os pais a percecionarem repercussões mais positivas que os avós. Tal poderá explicar-se pelo facto de para a maioria destes pais a criança adotada ser o primeiro filho do casal e se confrontarem com as tarefas da parentalidade pela primeira vez e depois de, na maioria dos casos, terem esperado alguns anos por esse momento e terem passado um processo de angústia, ansiedade e sofrimento. Para apenas 44.1% dos avós o neto adotado era o único neto que tinham no momento da entrevista. A maioria dos avós já era avô/ó antes da criança adotada chegar à família e pode não experienciar repercussões tão positivas quanto os pais por isso mesmo, pois o neto adotado é apenas “mais um neto”. Além disto, as diferenças podem também dever-se às próprias tarefas e aos papéis associados à parentalidade e à grã-parentalidade, que também são distintos.

Relativamente a estas variáveis relacionadas com as consequências da adoção, estas correlacionam-se de forma positiva entre si. A percepção de felicidade que a adoção trouxe à vida dos avós correlaciona-se positivamente com o grau de satisfação com a adoção e com a repercussão da adoção na vida dos avós. Logo, parece que quanto mais envolvidos estiveram os avós em todo o processo de adoção, quanto mais positivas foram as vivências de todo o processo de adaptação e integração da criança na família, mais feliz está a família como consequência da adoção, mais satisfeitos estão os avós com a adoção e mais repercussões positivas identificam.

Por fim, relativamente às crenças sobre a adoção, nomeadamente ao que os avós acham que influencia atualmente o comportamento das crianças adotadas, os resultados são claros ao evidenciarem que os avós valorizam mais as influências posteriores à adoção, que as influências anteriores, sendo estas diferenças estatisticamente significativas. Quando se decompõem e se analisam em separado as quatro variáveis: influência dos antecedentes genéticos, influências prévias à adoção, influências na família adotiva e influência dos amigos e local onde vive, constata-se que a influência menos valorizada se reportam aos antecedentes genéticos ($M=2.64$, $DP=1.62$) e a mais valorizada diz respeito às influências da criança na família adotiva ($M=4.79$, $DP=1.58$).

Assim sendo, parece que os avós apresentam uma perspetiva mais ambiental, que geneticista na explicação do comportamento das crianças adotadas.

Quando comparada com a perspetiva dos pais verificam-se diferenças significativas na influência das experiências posteriores à adoção, com os pais a valorizá-las mais que os avós. Em relação às experiências anteriores à adoção, os avós também valorizam mais essas experiências, mas as diferenças encontradas não são significativas. Tal pode dever-se aos efeitos das duas gerações existentes, avós e pais, pertencerem a cohortes distintas. Na geração dos avós, os laços de sangue eram ainda muito valorizados e a adoção ainda era alvo de maior estigma social que atualmente. Assim, os avós apesar de valorizarem mais as experiências posteriores do que as anteriores, em parte talvez por terem contacto com esta realidade que é a adoção e serem avós de um neto adotado, valorizam mais que os pais as anteriores e menos que os pais as posteriores. Isto pode ser reflexo da importância superior que atribuem, apesar de tudo, às experiências anteriores à adoção. De facto, se ainda hoje a parentalidade adotiva é vista como uma forma alternativa à parentalidade, em gerações anteriores a adoção não era sequer considerada uma forma legítima de exercer a parentalidade.

Relativamente à importância que os avós atribuem às características físicas para a aceitação e integração das crianças nas famílias adotivas, verificou-se que a maioria dos avós não atribuem importância a esta variável. Estes dados são, de alguma forma, dissonantes com a literatura existente que salienta a importância das parecenças físicas das crianças com algum elemento da família de forma a facilitar a integração da criança e a fortalecer o vínculo afetivo que se estabelece entre esta díade (Pitcher, 2009).

Ainda assim, esta variável correlaciona-se de forma positiva com o grau de dissemelhança entre as famílias convencionais e adotivas e com a influência dos antecedentes genéticos no comportamento das crianças adotadas. Se uma criança partilhar características físicas com alguém da família, ainda que os avós valorizem os antecedentes genéticos, as características físicas tornam a criança parecida com a família, permitindo tornar “invisível” a adoção e a não partilha de um património genético.

Importa salientar que a maioria das questões referidas anteriormente foram analisadas segundo as perspetivas dos avós e dos pais. Na grande maioria das respostas não se verificaram diferenças significativas entre a vivência dos avós e a vivência dos pais, em todas estas etapas do processo de adoção. Assim, parece existir uma cerca

constância intergeracional em grande parte das temáticas relacionadas com a adoção, parecendo que o posicionamento face à adoção destas famílias adotantes é similar nas várias gerações que a compõem. Apesar de algumas diferenças, provavelmente provenientes das características que o próprio papel de avós ou de pais como distintos que são impõem, ou da pertença a diferentes gerações, parece que as questões básicas acerca da adoção e as crenças acerca da mesma são partilhadas pelas duas gerações no seio destas famílias que tiveram, pelo menos, uma experiência de adoção.

2. Conceito de adoção e de família adotiva

Os resultados deste estudo evidenciam que para 31.3% dos avós a adoção é a satisfação das necessidades e desejos dos adultos; para 27.7% é definida como sendo igual à parentalidade biológica; para 17.2% é a satisfação das necessidades e desejos das crianças; para apenas 12.2% a adoção é um meio de satisfação das necessidades e desejos, quer das crianças quer dos adultos; e, em 11.5% dos avós não se obtém uma definição da adoção mas uma apreciação positiva acerca da mesma.

Assim sendo, para a maioria dos avós a adoção continua a ser centrada apenas nos adultos, respondendo a uma necessidade sua e ao desejo de exercerem a parentalidade. Os avós encaram a adoção, muitas vezes, como a última forma dos seus filhos conseguirem ser pais, depois de muitas vezes terem já sido sujeitos a variadíssimos tratamentos de fertilidade. Assim, a principal motivação para estes avós é que os seus filhos consigam ser pais e utilizem para isso a resposta social de defesa e promoção dos interesses e direitos das crianças, que é a adoção.

Esta resposta pode ser entendida à luz da geração dos atuais avós, pois na sua geração, a adoção respondia a propósitos centrados na resposta exclusiva às necessidades dos adultos, perpetuando-se atualmente esta crença. Associada a esta perspetiva da adoção verifica-se uma postura em cerca de 28% dos avós a não reconhecerem diferenças entre a parentalidade biológica e adotiva. De acordo com a literatura, estes avós tentam esquecer que têm uma família com algumas particularidade e especificidades e isso vai-se refletir no funcionamento familiar, nomeadamente impondo limitações na comunicação sobre a adoção (Brodzinsky, 2005), na medida em que procuram mantê-la em segredo. Para cerca de um quarto dos avós a proteção dos interesses e necessidades da criança é tida em consideração, pois cerca de 17% reconhecem a adoção como a satisfação das necessidades e desejos das crianças, respondendo ao seu direito em ter uma família, acesso a um ambiente acolhedor,

securizante, afetivo e capaz de satisfazer as suas necessidades. Por fim, cerca de 12% encaram a adoção na dupla perspetiva da satisfação das necessidades e desejos das crianças e dos pais. Para estas famílias a adoção responde ao desejo dos pais exercerem a parentalidade e das crianças poderem crescer numa família.

Note-se que uma maioria (cerca de 65%) dos avós rejeita a existência de diferenças entre as famílias biológicas e adotivas. Os cerca de 35% que reconhecem a existência de algumas diferenças entre os dois tipos de família, não identificam essas diferenças como tarefas específicas da família adotiva.

Neste estudo a maioria dos avós tem uma atitude de rejeição das diferenças o que pode comprometer o desenvolvimento de um ambiente familiar de confiança, necessário para a exploração das questões relacionadas com a comunicação acerca da adoção, aspeto diferenciador deste tipo de parentalidade. Ora a comunicação sobre a adoção é reconhecida cientificamente como determinante para o ajustamento psicológico da criança e para a formação da sua identidade. Todas as crianças têm direito a conhecer as suas origens e a sua história, e os adotados não são exceção. Nas famílias onde se verifica rejeição de diferenças relativamente às famílias convencionais esta tarefa poderá estar comprometida.

A tendência dos avós para o não reconhecimento das diferenças entre famílias adotivas e convencionais é confirmada nas respostas obtidas nas duas questões fechadas em que foram questionados acerca do grau de dissemelhança entre as famílias adotivas e convencionais e acerca grau de dissemelhança entre a sua família e as convencionais.

3. Comunicação sobre a adoção

Cerca de um quarto dos avós já falaram com os seus filhos sobre a adoção depois do neto estar na família. Apesar destas conversas ocorrerem na maioria dos casos (73.3%) para os avós valorizarem a adoção, alguns avós falaram com os filhos para lhes recomendarem que não falassem com a criança acerca da adoção. Esta parece ser a postura de muitos avós, pois três quartos não falam sobre a adoção na família (75.4%) e alguns recomendam ainda aos filhos que façam o mesmo com os netos. Mais uma vez, isto pode estar associado à sua geração, em que a adoção era mantida em segredo devido ao estigma da infertilidade e porque a adoção não era uma forma de parentalidade bem vista pela sociedade. Considerava-se ainda que o facto de não falar com a criança sobre a adoção a protegeria, pois aproximava-a dos filhos biológicos. Atualmente estas ideias são postas em questão e defende-se que a não comunicação com

a criança sobre esta temática traz prejuízos. Salienta-se ainda que apesar da maioria dos avós dizer que estas conversas ocorreram a partir do momento em que a criança começou a estar adaptada à família, 13.3% dizem que ocorrem quando surgem problemas. Desta forma, apesar dos avós dizerem que não atribuem os comportamentos inadequados do neto à adoção, a verdade é que sensivelmente 13% diz que o tema da adoção surge nas famílias quando aparecem problemas. Parece que os avós ainda têm algum estigma pela adoção e pelas suas questões específicas, nomeadamente no que respeita à comunicação sobre a adoção. Chama-se a atenção para o impacto nefasto que esta comunicação (surgindo apenas em momentos de crise) pode ter para a criança, na medida em que esta comunicação não se processa num contexto de segurança e valorização da criança, mas sim passando a mensagem de que a adoção é uma coisa “má” e que a criança é “má” porque é adotada.

Relativamente à comunicação com o neto sobre a adoção, a grande maioria (80.3%) dos avós dizem que nunca falaram com o neto sobre estas questões, nomeadamente porque acham que esta função compete exclusivamente aos pais, e mais uma vez surge também a resposta que não falaram porque não se deve falar sobre a adoção. Apesar de na definição de família adotiva 34.8% dos avós admitir a existência de diferenças entre as famílias convencionais e adotivas, parece que na sua postura diária os seus comportamentos não vão ao encontro desta perceção. Contudo, na verdade, nenhuma das respostas dos avós referia as tarefas específicas da parentalidade adotiva. Assim, este parece constituir-se um problema para os avós adotivos, pois parecem não estar conscientes da importância da comunicação sobre a adoção. Neste sentido, é importante que os seus filhos comecem a sensibilizá-los para a relevância destas questões, visto que este é um importante fator de risco ou de sucesso da adoção, e os avós, cada vez mais presentes na vida dos netos, podem contribuir para ele. Salienta-se que os avós podem não ser tão abertos em termos de comunicação com os netos, porque os seus filhos podem não ser abertos o suficiente nem com as crianças nem com os seus pais, nem em termos de revelação social e partilha da adoção com o exterior.

Ainda assim, encontra-se uma associação positiva entre a comunicação sobre a adoção com o neto e a idade da criança. Neste caso podem ser as crianças a fazer questões aos avós sobre a adoção, que é o que parece acontecer, pois em 66% dos casos a comunicação ocorre por iniciativa das crianças, ou os avós acharem que a criança tem mais entendimento com o avançar da idade e falarem com ela sobre estas questões.

Constata-se que a grande maioria (73.5%) dos avós que não falou com o neto sobre a adoção não pensa fazê-lo. Mais uma vez se chama a atenção para a desresponsabilização deste microssistema tão importante para a criança nesta temática que é tão relevante para o seu desenvolvimento favorável.

Apesar de 36.4% dos avós referirem que quando falam com os netos sobre a adoção estes não mostram preocupações, os restantes referem como preocupações a curiosidade acerca da família biológica (27.3%), a tentativa de reconstruir a sua história (18.2%), a preocupação com uma nova rejeição na família adotiva (9.1%) e a tentativa de perceber o processo de adoção (9.1%). Estas preocupações das crianças, nomeadamente a curiosidade com a família biológica, podem fazer com que os avós tenham receio que no futuro a criança procure a sua família de origem e podem contribuir para a percepção, partilhada por 47.5% dos avós, de que as crianças têm curiosidade sobre o seu passado e sobre as razões porque foram encaminhadas para a adoção. Esta percepção dos avós pode torná-los mais compreensivos com a curiosidade da criança, favorecendo uma atmosfera confortável e segura para a criança explorar as questões da comunicação sobre a adoção. Todavia, note-se que isto ocorreu numa minoria dos casos.

Recorde-se que cerca de metade dos avós que se preocupam com o futuro do neto por este ser adotado dizem ter medo que no futuro, os netos procurem a família biológica. Este dado correlaciona-se de forma positiva com a percepção dos avós de que as crianças procuram a família biológica quando crescem. Os avós reconhecem também que a criança tem curiosidade sobre a família biológica. Todavia, é normativo que a criança tenha curiosidade sobre o seu passado e sobre a família biológica, pois esta família também faz parte de si e do que a criança é. Estes receios e preocupações, expressos pelos avós no presente estudo associam-se ao desejo de anulação de diferenças entre a sua família adotiva e as famílias biológicas, assumindo que a criança não tem um passado nem uma família biológica, e com a conceção da adoção centrada nos adultos, como se viu numa maioria importante dos participantes.

Apesar da grande maioria dos avós não falar com o neto sobre a adoção, apenas 42.9% dos avós considera difícil fazê-lo. Assim, a não comunicação pode estar relacionada com o facto dos avós não estarem sensibilizados para a importância destas questões e para o facto de acharem que esta é uma função exclusiva dos pais.

Constata-se que, apesar de tudo, os avós que já falaram com o neto sobre a adoção acham mais fácil falar com o neto sobre as origens que os restantes e querem

que os netos construam uma imagem mais positiva dos avós biológicos do que os que ainda não falaram. Estes avós, possivelmente, consideram que as conversas sobre a adoção ajudam os netos a construir uma imagem mais favorável. Acima de tudo isto mostra também que uma comunicação aberta sobre a adoção permite que o outro assuma a perspectiva da criança e perceba as suas necessidades e a importância da família biológica na sua vida, valorizando-se o triângulo da adoção: criança, família biológica e família adotiva.

Quando se compara a perspectiva dos avós com a dos pais nas variáveis relativas às questões da comunicação sobre a adoção verificam-se diferenças na abordagem da adoção com a criança, significativamente mais frequente nos pais. Além disso, a grande maioria (73.5%) dos avós que não falaram sobre a adoção com o neto não pensam fazê-lo e apenas uma minoria (1.7%) dos pais que ainda não falou, tenciona manter secreta a adoção do filho. Estas diferenças podem estar relacionadas com o trabalho que tem vindo a ser desenvolvido com os pais nos serviços de adoções de forma a sensibilizá-los para a importância da comunicação sobre a adoção e para a qualidade da mesma. Além disso, é compreensível que assim seja, pois o subsistema parental é o sistema mais proximal da criança. No entanto, é importante que os pais partilhem os conhecimentos adquiridos acerca do tema, para que os também os avós possam auxiliar neste processo de comunicação e possam estar conscientes da sua importância. Além disso, parece que os pais estão conscientes que a comunicação sobre a adoção não se restringe à revelação, mas sim a um processo continuado no tempo, a um diálogo entre pais e filhos. Os avós, para além de não se considerarem participantes na tarefa da “revelação” acham que posteriormente falar nessa questão com a criança só a vai fazer lembrar de aspetos que ela quer esquecer. A grande maioria dos avós considera que apenas faz sentido falar se for a criança a puxar o assunto, uma vez que é melhor para ela que esqueça completamente o seu passado, assumindo por conseguinte, uma postura favorável ao “segredo da adoção”. Esta postura não é partilhada em geral pelos pais que se diferenciam significativamente dos avós. E, portanto, ressalta-se a necessidade de trabalhar, da mesma forma que foi trabalhado com os pais, os avós.

Os pais consideram também maioritariamente que “se não for a criança a puxar o assunto da adoção não devemos falar nisso”. Assim, apesar de falarem muito mais com os filhos sobre a adoção que os avós, parecem ter uma atitude passiva face a estas questões, esperando que as crianças lhes coloquem questões. Possivelmente os pais estão sempre a aguardar que sejam as crianças a colocar as questões, assumindo que os

filhos questionam se tiverem curiosidade e quando se sentirem preparados. Esta postura passiva também se relaciona com o receio e a insegurança que os pais ainda sentem ao abordar estas questões e revelam a necessidade de as questões da comunicação continuarem a ser trabalhadas ao longo de todo o ciclo vital da família adotiva.

Em suma, estes resultados explicitam a dificuldade de grande parte dos avós reconhecerem as especificidades das famílias adotivas e o reconhecimento das diferenças entre os dois tipos de família, considerando ideal manter a adoção em segredo.

Além destas diferenças de postura puderem advir da influência de coortes distintas, visto que na geração dos atuais avós, a adoção era secreta e confidencial e que a comunicação acerca da adoção era nula, podem também evidenciar uma falta de comunicação entre pais e avós acerca da importância da comunicação sobre a adoção.

Relativamente à hipótese da falta de comunicação referida entre a geração de avós e pais importa refletir acerca da revelação social. Apesar da existência de nítidos progressos na comunicação acerca da adoção nas famílias, a questão da comunicação parece ainda ser vista como uma tarefa que se restringe a pais e filhos e não partilhada com o exterior, mesmo quando esse exterior é um microsistema que tanta relevância tem para toda a família. Isto coloca-nos a questão se os pais são ou não abertos relativamente à adoção com o exterior e com os restantes membros da família. Na verdade, se a adoção não é aberta ao exterior, dificilmente os avós têm contacto com o processo de comunicação e dificilmente podem participar no mesmo. Assim, parece importante chamar a atenção aos pais para esta questão da revelação social e da importância de falar sobre esta questão no seio da família alargada, de forma a que também se possam desconstruir algumas crenças e diminuir estigmas.

Parece também pertinente refletir se não são os pais das crianças que acentuam estas ideias de ausência de diferenças entre famílias convencionais e adotivas e se não são eles que fomentam estas crenças de rejeição de diferença no seio da família. Ao quererem normalizar esta forma de parentalidade, ao quererem que os avós aceitem as crianças e que as crianças estabeleçam uma relação com os avós, positiva, afetiva e em tudo similar à relação avós-netos biológicos, podem negligenciar as particularidades da família adotiva neste microsistema e reforçar a ideia que as famílias adotivas e convencionais são em tudo iguais e que a parentalidade adotiva não implica tarefas distintas da biológica.

Note-se, ainda, que a maioria dos avós, mesmo os avós que apresentam uma postura de abertura na comunicação, falam menos sobre a adoção com a criança, apresentando uma menor frequência de comunicação, que os pais em geral. Os avós do cluster aberto falam raramente com o neto sobre a adoção, enquanto os do cluster fechado nunca falam. Por seu lado, os pais pertencentes ao cluster aberto falam algumas vezes e os pertencentes ao cluster fechado falam poucas. Neste aspecto tão importante os avós são mais fechados que a grande maioria dos pais participantes neste estudo.

4. Cadeias intergeracionais de comunicação

Apesar de apenas 20 netos terem respondido à ECAA, limitando a análise intergeracional ao longo das três gerações nas restantes famílias, os resultados obtidos em termos de cadeias intergeracionais de comunicação sobre a adoção parecem relevantes, no sentido de fazerem levantar algumas questões e hipóteses.

Nas cadeias de tipo I não existe abertura em nenhuma geração para a criança falar abertamente sobre as suas questões, para explorar os seus sentimentos e inquietudes. Tanto os pais como os avós rejeitam as diferenças entre os dois tipos de famílias, não dando espaço à criança para esta explorar a temática da adoção, e, por isso a cadeia de uma comunicação fechada prolonga-se à terceira geração.

Apenas se identificou uma família cuja cadeia intergeracional de comunicação sobre a adoção é de tipo II. Nesta família os pais têm uma postura de abertura na comunicação mas tanto os avós como as crianças apresentam uma comunicação fechada. Nesta criança verificou-se que o *timing* da revelação foi atrasado e que a primeira conversa acerca da adoção foi tensa. Constatou-se também que a adoção é abordada apenas em resposta às questões da criança, as quais são limitadas pela percepção que a criança tem do mau-estar que desencadeiam nos pais, conduzindo à inibição da sua curiosidade acerca das suas origens e história de vida. Este resultado ressalva a importância que os avós podem assumir neste processo de comunicação sobre a adoção.

Um resultado curioso acontece nas cadeias de tipo III em que se verifica uma postura de abertura na comunicação nos avós, e as crianças apresentam um estilo de comunicação aberto. Todavia, a postura de comunicação dos pais é fechada. Na análise destes resultados constatou-se que em todas estas famílias os avós falam com a criança sobre a adoção. Isto leva a que mesmo não tendo os pais para partilhar todas as suas

inquietudes, as crianças tenham nos avós uma figura que cria um ambiente confortável, de apoio e aceitação, onde se sentem à vontade para questionar a sua história prévia.

Os resultados obtidos nas cadeias de tipo IV suscitam alguma curiosidade, nomeadamente nas famílias em que tanto os pais como os avós têm uma postura de abertura na comunicação e as crianças são fechadas.

Assim, parece que as características do processo e a vida anterior à adoção têm influência no estilo de comunicação da criança. Uma destas crianças, além de estar a atravessar o período de adolescência, caracterizado por ser um período de construção de identidade e descrito como sendo um período no qual os pais consideram proporcionar pouca informação aos filhos sobre a adoção (Soares, 2009), foi adotada tardiamente (com 10 anos) e tinha vivido anteriormente uma adoção falhada. Manteve contacto com a família biológica praticamente até à adoção falhada e a quebra de contacto com esta aconteceu por sua iniciativa. Talvez por isso, atualmente o adolescente se mostre preocupado e curioso com a família biológica.

Provavelmente a dificuldade desta criança em falar sobre a adoção está relacionada com todas estas especificidades do seu processo de adoção, com o sentimento de culpa por ter rejeitado a família biológica, com o facto de já ter sido devolvido por uma família. Este adolescente pode manifestar reservas em falar com a família adotiva sobre a questão da adoção, pois as suas principais preocupações prendem-se com a família biológica e pode ter medo de magoar a família adotiva ao falar destas questões. Além disso, a abertura que é descrita pelos pais e pelos avós pode não ser percebida pelo adolescente, criando-se igualmente um ciclo de silêncio.

Relativamente à segunda criança, apesar dos pais terem um estilo de abertura na comunicação, a primeira comunicação acerca da adoção ocorreu aos seis anos e é lembrada como tendo sido uma conversa tensa. Apesar de sentir curiosidade acerca da temática, a criança acha que esta cria mau-estar no ambiente e dinâmicas familiares, ocultando por isso esta sua curiosidade e reduzindo a exploração sobre a sua história prévia.

Na outra situação familiar classificada como cadeia intergeracional de tipo IV, os avós assumem uma postura de comunicação fechada e pais e crianças, uma postura de abertura. Nestas famílias, os pais criam um ambiente securizante, capaz de levar a criança a explorar as suas questões e desenvolver um estilo de comunicação aberto.

Note-se que apenas se encontraram duas famílias de cadeia de tipo V, ou seja, em que os elementos das três gerações apresentam abertura de comunicação. Nestas

famílias existe um ambiente confortável e seguro nos dois sistemas, grã-parental e parental, que possibilita que as crianças explorem os seus sentimentos e coloquem questões, seguindo também elas a cadeia intergeracional de abertura da comunicação.

Estes dados apontam para o facto que na maioria das famílias basta uma das gerações proporcionar um ambiente confortável, empatizar com a criança, compreender as suas necessidades de comunicação, apoiar e aceitar as suas angústias e inquietações sobre as suas origens e o seu passado, ou seja, ter uma postura de abertura na comunicação, para também a criança apresentar um estilo de comunicação aberto e atempado. No entanto, chama-se a atenção que as características da história prévia da criança e as especificidades do processo de adoção também têm impacto no estilo de comunicação que a criança desenvolve, não chegando que os seus avós e pais tenham uma postura de abertura na comunicação sobre a adoção, tendo a criança um papel ativo neste processo. Assim, parece importante sensibilizar os pais e os avós para as questões da comunicação acerca da adoção, como um processo gradual, continuado no tempo, aberto aos outros sistemas, mais do que para as questões da revelação, favorecendo um estilo de comunicação aberto nas crianças, promotor de um melhor ajustamento psicológico.

Nas restantes famílias em que não se tinham os dados relativos às três gerações, analisou-se a continuidade ou descontinuidade da postura comunicacional da geração dos avós e dos pais. Verifica-se que na maioria das famílias, o que ainda acontece é uma descontinuidade entre os dois sistemas, no que respeita à comunicação sobre a adoção. Mais uma vez se chama a atenção para a relevância deste resultado, que mostra que a comunicação tem que continuar a ser trabalhada junto das famílias e que os avós devem ser sensibilizados para esta questão, pois também nesta tarefa podem desempenhar papel de relevo. Todavia, verifica-se que em várias famílias os avós têm uma postura de comunicação aberta e os pais apresentam uma postura fechada. Assim, mesmo junto dos pais, parece importante continuar a trabalhar as questões da comunicação, chamando a atenção para a importância de considerar a comunicação como um processo presente ao longo de todo o ciclo vital da família.

Verifica-se que em poucas famílias há continuidade entre avós e pais e que em apenas duas famílias existe continuidade de abertura nas duas gerações, pois que na grande maioria, a continuidade refere-se à postura de comunicação fechada nas duas gerações. A comunicação acerca da adoção parece ser ainda uma temática pouco explorada nas famílias adotivas, não lhe sendo reconhecido o papel que desempenha na

promoção do ajustamento psicológico da criança adotada, tal como tem vindo a ser apontado pela investigação (e.g. Barbosa-Ducharne, Ferreira & Soares, 2011; Beckett, et al., 2008; Brodzinsky, 1987, 2005, 2006; Henriques, Ramalho & Baptista, 2010; Rueter & Koerner, 2008).

V. Conclusões

Conclusões

Este trabalho teve como objetivo dar voz aos avós, visto que estes são intervenientes importantes na adoção ainda negligenciados pela investigação. Explorou-se a sua vivência do processo de adoção, confrontando-se esta vivência com a dos pais. Caracterizou-se os conceitos de adoção e de família adotiva para os avós e o papel que estes têm na comunicação acerca da adoção. Analisaram-se os estilos de comunicação familiar acerca da adoção, identificando-se tipos de cadeias intergeracionais de comunicação.

Importa identificar algumas limitações neste estudo e evocar algumas modificações a nível metodológico que poderiam proporcionar uma leitura mais aprofundada dos dados. Relativamente à amostra utilizada, o recurso a uma amostra de dimensão superior, que envolvesse uma maior participação por parte das crianças e que, além disso, integrasse todos os elementos da família, garantindo as vozes das crianças, do pai, da mãe, dos avós paternos e maternos proporcionaria, sem dúvida uma abordagem multidimensional da vivência do processo de adoção alargada a todos os sistemas familiares.

Relativamente às medidas utilizadas, chama-se a atenção para a necessidade de adaptação da ECAA a crianças de idade pré-escolar, possibilitando o acesso à vivência do processo de adoção junto de crianças desta faixa etária. Relativamente ao instrumento dos avós, a EAPA, apesar deste instrumento parecer completo e de permitir alcançar os objetivos do estudo, seria importante reformular as escalas de tipo Lickert, pois devido às características da população em que é aplicado, nomeadamente a idade dos participantes e as dificuldades de literacia, nem sempre é de fácil administração. Chama-se também a atenção para o viés que pode ter acontecido nalgumas respostas a este instrumento devido à desejabilidade social. Ainda assim, em várias situações no instrumento tentou-se contornar essa limitação procurando em diferentes momentos da entrevista questionar aspetos similares de forma diferente e de modo a obter respostas o quanto mais genuínas possível. No entanto esta é sempre uma limitação que se deve considerar neste tipo de instrumentos.

Apesar das limitações enumeradas os dados obtidos permitiram dar resposta às questões de investigação colocadas e cumprir os objetivos propostos.

Desta forma, com base nos objetivos prosseguidos no estudo conclui-se:

1. As vivências dos avós relativas ao processo de adoção são muito positivas;

2. Parece existir uma constância na forma como é vivido o processo de adoção por avós e pais, visto que na maioria das questões relativas à vivência da adoção não se verificaram diferenças significativas entre as duas gerações. As diferenças encontradas parecem relacionar-se com as características distintas que o papel de avô/ó ou de pai/mãe impõe e/ou à pertença a diferentes coortes geracionais;
3. Para a maioria dos avós a adoção é a satisfação das necessidades e desejos dos adultos;
4. Relativamente à definição de família adotiva a maioria dos avós rejeita a existência de diferenças entre as famílias convencionais e adotivas e quando as assumem não identificam as especificidades da parentalidade adotiva;
5. A grande maioria dos avós nunca falou com os netos sobre a adoção e não pensa fazê-lo. Os pais falam mais sobre a adoção com as crianças que os avós, verificando-se diferenças significativas;
6. Os avós não estão sensibilizados para as questões da comunicação sobre a adoção e não acham que esta seja necessária, existindo avós que recomendem aos seus filhos que estes não falem acerca da adoção com as crianças;
7. Foram identificados dois grupos de avós e dois grupos de pais com posturas comunicacionais diferentes. Relativamente aos avós identificou-se um grupo com uma postura de abertura na comunicação e outro com uma postura de comunicação fechada. Nos pais verificou-se o mesmo, um grupo de pais com uma postura de abertura na comunicação e um segundo grupo com uma postura de comunicação fechada. As variáveis constituintes dos *clusters* dos pais e dos avós são muito similares. Verificou-se que nos grupos de abertura na comunicação tanto dos pais como dos avós discordam que se não for a criança a puxar o assunto da adoção não devem falar nisso e que é melhor para a criança esquecer por completo o seu passado. Tanto os avós como os pais pertencentes ao grupo com uma postura de abertura dizem desejar que a criança construa uma opinião positiva relativa aos pais ou aos avós biológicos. O que distingue os avós, com abertura na comunicação, dos pais pertencentes ao *cluster* equivalente é a frequência com que cada sistema fala com a criança acerca da adoção. Os pais do *cluster* aberto falam algumas vezes e os avós falam raramente. No que respeita aos avós e aos pais pertencentes ao *cluster* com uma postura de comunicação fechada também se verificam diferenças quanto à frequência da comunicação. Os avós deste grupo nunca falam com o neto acerca da adoção e

os pais falam poucas vezes. Relativamente às restantes variáveis, tanto os avós como os pais concordam que se não for a criança a puxar o assunto da adoção não se deve falar nisso e que é melhor para a criança que esqueça o seu passado. Ambas as gerações dizem desejar que as crianças construam uma imagem favorável dos avós ou dos pais.

8. A análise das cadeias intergeracionais de comunicação permitiu identificar padrões diferentes, chamando a atenção para as idiossincrasias da história de adoção de cada família;
9. Quando existe, pelo menos uma geração na família, entre avós e pais com uma postura de abertura na comunicação as crianças também apresentam, maioritariamente, um estilo comunicação aberto.

A natureza exploratória deste estudo confere às conclusões enunciadas um carácter de pistas de reflexão, quer para apoio fundamentado de questões de investigação, quer de implicações na prática profissional acima referidas.

Em suma, estes resultados chamam a atenção para a importância dos avós serem envolvidos no processo de adoção, desde o seu início, e para a necessidade de se envolver este microssistema no âmbito da formação e promoção da comunicação acerca da adoção. As perceções atuais dos avós eram, até há bem pouco tempo, partilhadas pelos pais. Com estes últimos foram trabalhadas estas questões e são notórios os progressos. Assim, parece importante alargar aos avós o âmbito da formação visto que estes têm grande importância na vida e no desenvolvimento dos seus netos. Além disso, os resultados parecem mostrar que quando os avós apresentam uma postura de abertura na comunicação, mesmo quando os pais têm uma postura de comunicação fechada, as crianças procuram os avós para explorar as questões da comunicação e apresentam também elas um estilo de comunicação aberto. Este podia ser mais um aspeto em que os pais podiam contar com o suporte e apoio dos avós, se estes estivessem sensibilizados para esta questão e para a sua importância.

Assim sendo, além de formações diretas aos avós parece importante no trabalho com os pais aludir à importância da comunicação que estes devem estabelecer com os avós das crianças e referir que também os pais devem sensibilizar os avós para a importância da comunicação com os netos. Por último, será essencial trabalhar junto dos pais as implicações de “abrir a abertura” ao exterior à família nuclear.

Relativamente a futuras investigações seria importante a realização de estudos longitudinais, de forma a acompanhar durante um longo período, as famílias e permitir

perceber a evolução destes processos. Neste seguimento, o envolvimento dos diferentes sistemas familiares numa articulação geracional - crianças, mãe, pais, avós maternos e avós paternos - constituiria com certeza uma mais-valia para a compreensão dos processos familiares, com particular ênfase para a comunicação intergeracional da adoção.

De igual forma parece importante realizarem-se microanálises à comunicação e estudar a comunicação em termos de cadeias intergeracionais relativamente à empatia, expressão emocional, conteúdo e frequência da comunicação, carácter reativo ou proactivo, disponibilidade, coerência narrativa entre os diferentes discursos e, por último, à profundidade. Ainda relativamente à comunicação acerca da adoção, seria relevante realizarem-se análises transgeracionais da comunicação de forma a perceber-se quais os processos que estão envolvidos nas questões da transmissão da abertura da comunicação entre as várias gerações das famílias.

Finalmente, este trabalho destaca a importância de se ter em conta a perspectiva dos avós na vivência familiar da adoção. Espera-se que a presente investigação seja um contributo para o alargamento à perspectiva intergeracional, da abordagem do processo de adoção.

Referências bibliográficas

- Aldous, J. (1995). New views of grandparents in intergenerational context. *Journal of Family Issues*, 16, (1), 104-122.
- Almeida, A. S. F. (2008). *Relações intergeracionais: a relação avós-netos e crenças acerca dos adolescentes: a perspectiva dos avós*. Tese de Mestrado Integrado em Psicologia, não publicada. Porto: FPCEUP.
- Antonucci, T. C., Jackson, J. S. & Biggs, S. (2007). Intergenerational relations: Theory, research, and policy. *Journal of Social Issues*, 63, 679-693.
- Bales, S. S. (2002). *The relation between the grandparent-grandchild bond and children's views of themselves and the grandparents*. Dissertação de Doutoramento, Indiana University.
- Baranowski, M. D. (1982). Grandparent-adolescent relations: Beyond the nuclear family. *Adolescence*, 17, 575-584.
- Barbosa, M. A. P. (2010). *Comportamentos, ideias e afetos parentais: como responder às necessidades das crianças? Estudo exploratório em famílias adotivas portuguesas*. Tese de Mestrado Integrado em Psicologia, não publicada. Porto: FPCEUP.
- Barbosa-Ducharne e colaboradores do IPA (2011). *Investigação sobre Processo de Adoção: Primeiros resultados. Relatório preliminar de resultados em versão digital*. Porto: FPCEUP.
- Barbosa-Ducharne, M. & Domingos, T. (2008). *Guião de Entrevista de Solidariedade Intergeracional: versão avós*. Policopiado. Versão para investigação. Porto: FPCEUP.
- Barbosa-Ducharne, M., Ferreira, J., Barbosa, M. & Soares, J. (2011). Cognições, comportamentos e emoções parentais em famílias adotivas: impacto no comportamento da criança adotada. *Atas do IV Encontro sobre maus-tratos, negligência e risco na infância e na adolescência* (pp. 39-43). Maia.
- Barbosa-Ducharne, M., Ferreira, J. & Soares, J. (2011). *Communication openness in the adoptive family and the psychological adjustment of adoptees*. Proceeding of the 15th European Conference of Developmental Psychology. Bergen, Norway.
- Barbosa-Ducharne, M., Monteiro, A. & Barroso, R. (2011). *Entrevista a Avós sobre Processo de Adoção – EAPA*. Policopiado. Versão para Investigação. Porto: FPCEUP.
- Barbosa-Ducharne, M., Moreira, A., Ferreira da Silva, A., Monteiro, J., & Soares, J. (2009). EPA-Portuguesa. Entrevista sobre o Processo de Adoção. Versão para investigação. Porto: FPCEUP.
- Barbosa-Ducharne, M., Soares, J. & Ferreira, J. (2011) Comunicação pais-filhos sobre adoção e desenvolvimento da compreensão do conceito de adoção. *Atas do IV Encontro sobre maus-tratos, negligência e risco na infância e na adolescência* (pp. 45-49). Maia.
- Barbosa-Ducharne, M., Soares, J., Ferreira, J. & Monteiro, J. (2011). Entrevista a Crianças e Adolescentes sobre Adoção – ECAA: Desenvolvimento de um Instrumento de Acesso à Vivência do Processo de Adoção. *Atas do VIII Congresso Ibero-Americano de Avaliação psicológica e XV Conferencia internacional de Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*. Lisboa: FPUL.
- Beckett, C., Hawkins, A., Castle, J., Groothues, C., Sonuga-Barke, E., Colvert, E., Kreppner, J., Stevens, S. & Rutter, M (2008). The experience of adoption II: The association between communicative openness and self esteem in adoption. *Adoption and Fostering*, 32, 29-39.

- Bengtson, V. L., Feng, D. Giarusso, R., & Silverstein, M. (2001). Grandparent adult grandchild affection and consensus: cross-generational and cross ethnic comparisons. *Journal of Intergenerational Relationships*, 1, 456-477.
- Bengtson, V. L., Rosenthal, C., & Burton, L. (1990). Families and aging: Diversity and heterogeneity. In R. H. Binstock & L. K. George (Eds.), *Handbook of aging and the social sciences*. (3rd ed., pp.263-287). New York: Academic Press.
- Bernal, J. G., Anuncibay R. F. (2008). Relevancia psico-socio-educativa de las relaciones generacionales abuelo-nieto. *Revista Española de Pedagogia*, 239, 103-118.
- Brodzinsky, D. (1987). Adjustment to Adoption. *Clinical Psychology Review*, 7, 25-47
- Brodzinsky, D. M. (2005). Reconceptualizing openness in adoption: Implications for theory, research and practice. In D. Brodzinsky & J. Palacios (Eds.), *Psychological Issues in Adoption: Research and Practice* (pp. 145-165). New York: Greenwood.
- Brodzinsky, D. (2006). Family structural openness and communication openness as predictors in the adjustment of adopted children. *Adoption Quarterly*, 9 (4),1-18.
- Brodzinsky, D. M. (2010). Children's understanding of adoption: developmental and clinical implications. In L. Albers Prock & P. Mason (Eds), *Adoption: Primary care and referral considerations for children of adoption*. Elk GroveVillage, IL: Academy of Pediatrics.
- Brodzinsky, D. M., Lang, R., & Smith, D. W. (1995). Parenting Adopted Children. In M. Bornstein (Eds.), *Handbook of parenting (Vol.3)* (pp. 279-311). New Jersey: Erlbaum Associates.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*.Cambridge: Harvard University Press.
- Bronfenbrenner, U. (1995). Developmental ecology through space and time: A future perspective. In P. Moen, G. Elder, Jr., & K. Lüscher (Eds.). *Examining lives in context: Perspectives on the ecology of human development*. (pp. 619-647).Washington DC: American Psychological Association.
- Bronfenbrenner, U. & Morris, P. (1998). The ecology of developmental processes. In W. Damon & M. Lerner (Eds.). *Handbook of child psychology. Vol1*. (pp. 993-1028). New York: Wiley & Sons.
- Cabanillas, C. (2011). Intergenerational learning as an opportunity to generate new educational models. *Journal of Intergenerational Relationships*, 9, 229-231.
- Cardoso, C. V. P. (2008). *Estratégias disciplinares e afetos parentais: um estudo exploratório com pais biológicos e pais adotivos*. Tese de Mestrado Integrado em Psicologia, não publicada. Porto: FPCEUP.
- Cunha, B. M. R. (2008). *Relações intergeracionais: significados da relação netos-avós e crenças acerca dos idosos: a perspetiva dos adolescentes*. Tese de Mestrado Integrado em Psicologia, não publicada. Porto: FPCEUP.
- Degani, N., Lowenstei, A. & Buchbinder, E. (2007). Grandparents relate to adopted grandchildren the same as biological. Acedido a 7 de Agosto de 2011 em <http://seniorjournal.com/NEWS/Grandparents/2007/7-04-16-GrandparentsRelate.htm>
- Dias, S. B., & Silva, S. (2003). Os avós na perspetiva de jovens universitários. *Psicologia em Estudo*, 8, 55-62.
- Domingos, T. A. P. (2008). *Grandparentalidade: estudo exploratório com os avós e netos adolescentes*. Tese de Mestrado Integrado em Psicologia, não publicada. Porto: FPCEUP.

- Elder, G. H., & Mueller, M. M. (2003). Family Contingencies across the generations: grandparent/grandchild relationships in holistic perspective. *Journal of Marriage and Family*, 65, 404-417.
- Ferland, F. (2006). *Os avós nos dias de hoje: prazeres e armadilhas*. Coimbra: Climepsi Editores.
- Ferreira, J. (2010). *Comunicação e compreensão sobre a adoção: relação com o ajustamento psicológico - a voz da criança adotada*. Tese de Mestrado Integrado em Psicologia, não publicada. Porto: FPCEUP.
- Ferreira, S. A., Pires, A. & Salvaterra, F. (2004). Filho do coração... Adoção e comportamento parental. *Análise Psicológica*, 2, 399-411.
- Ferreira da Silva, A. G. (2009). *As dimensões Expressão Emocional, Comunicação e Disciplina na Parentalidade Adotiva: Um estudo exploratório*. Tese de Mestrado Integrado em Psicologia, não publicada. Porto: FPCEUP.
- Goodman, C. C. (2007). Family dynamics in three-generation grandfamilies. *Journal of Family Issues*, 28, 355-379.
- Gonzaga, A. M., & Cruz, O. M. (2000). A percepção dos avós acerca das suas relações intergeracionais. *Revista infância e educação*, 1, 107.
- Grotevant, M. D. (2009). Emotional distance regulation over the life course in adoptive kinship networks In G. M. Wrobel & E. Neil (Ed.) *International Advances Adoption Research for Practice*, (pp. 71-94). Wiley-Blackwell.
- Hagestad, G. O., & Burton, L. M. (1986). Grandparenthood, life context, and family development. Special Issue: Developmental tasks in later life. *American Behavioral Scientists*, 29, 471-484.
- Henriques, M., Ramalho, S. & Baptista, J. (2010). Family Communication about adoption and Adolescents' Satisfaction with life. Poster presented at ICAR3 - Third International Conference on Adoption Research. Leiden, Netherlands,
- Kornhaber, A., & Woodward, L. L. (1981). *Grandparents/grandchildren. The vital connection*. Garden City, NY: Anchor Press/Doubleday.
- Lerner, R. M. (2002). *Concepts and theories of human development* (3rd ed.). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Liou Ma, C. (2011). Ageing and intergenerational relations: Family reciprocity from a global perspective By Misa Izuhara. *Journal of Intergenerational Relationships*, 9, 98-102.
- Lussier, G. Deater-Deckard, K., Dunn, J., & Davies, L. (2002). Support across two generations: Children's closeness to grandparents following parental divorce and remarriage. *Journal of Family Psychology*, 16 (3), 363-376.
- Marinho, S., Barbosa-Ducharne, M. & McRoy, R. (2011). *Predictors of adoption disruption and permanency*. Proceeding of the 15th European Conference of Developmental Psychology. Bergen, Norway.
- Martins, C. (2011). *Manual de análise de dados quantitativos com recurso ao IBM SPSS: Saber decidir, fazer, interpretar e redigir*. Braga: Psiquilibrios Edições.
- Mascarenhas, M. & Alarcão, M. (2008). Famílias adotivas e processo de adoção. In C. Machado & R. Gonçalves (Coord.). *Violência e vítimas de crimes* (3^a ed.) (pp. 229-274). Coimbra: Quarteto Editora.
- Monteiro, A. F. A. (2011). *Relação avós-netos adotados: impacto do envolvimento dos avós no processo de adoção na relação com o neto. Estudo exploratório*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia. Porto: FPCEUP.
- Monteiro, J. (2009). *Adoção: Espera, Integração e Adaptação Familiar. Perspetiva de Pais e Filhos. Um estudo Exploratório*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia. Porto: FPCEUP.

- Neil, E. (2007). Coming to terms with the loss of a child. *Adoption Quarterly*, 10 (1), 1-23.
- Neil, E. (2009). Post-adoption contact and openness in adoptive parent's minds: Consequences for children's development. *British Journal of Social Work*, 39, 5-23.
- Palacios, J. (2009.) The ecology of adoption. In G. M. Wrobel & E. Neil (Ed.) *International Advances Adoption Research for Practice* (pp. 71-94). Wiley-Blackwell.
- Palacios, J. (2010). Familias adoptivas. In E. Arranz & A. Oliva (coord.). *Desarrollo psicológico en las nuevas estructuras familiares* (pp.51-67). Madrid: Ed. Pirâmide.
- Palacios, J. & Brodzinsky, D. (2010). Adoption research: trends, topics, outcomes. *International Journal of Behavioral Development*, 34, 270-284.
- Palacios, J. & Sandoval, Y.S. (2005). Beyond adopted/non-adopted comparisons. In D. Brodzinsky & J. Palacios (Eds). *Psychological issues in adoption: research and practice* (pp.35-55). Westport, CT: Greenwood.
- Palacios, J., Sandoval, Y. S. & Espinosa, E. S. (1996). *La adopción en Andalucía*. Sevilla: Junta de Andalucía.
- Pastor, T. M. (2009). *Relação avós-netos e impacto na regulação emocional dos netos*. Tese de Mestrado Integrado em Psicologia, não publicada. Porto: FPCEUP.
- Pereira, D. (2010). *As relações intergeracionais entre avós e netos: um estudo qualitativo*. Tese de Mestrado Integrado em Psicologia, não publicada. Porto: FPCEUP.
- Pinazo, S. H. (1999). Significado social del rol del abuelo. *Revista Multidisciplinar de Gerontologia*, 9, 169-176.
- Pinazo-Hernandis, S. (2011). Intergenerational learning: A way to share time, experiences, and knowledge. *Journal of Intergenerational Relationships*, 9, 115-116.
- Pitcher, D. (2009). Adopted children and their grandparents: views from three generations. *Adoption & Fostering*, 33, 1,56-67.
- Queirós, I. (2005). *Natureza e qualidade da relação avós-netos e seu contributo para a auto-avaliação global dos netos: um estudo exploratório*. Tese de Mestrado em Psicologia, não publicada. Porto: FPCEUP.
- Reiss, D., Leve, L. D. & Whitesel, A. L. (2009). Understanding links between birth parents and the child they have placed for adoption: Clues for assisting adopting families and for reducing genetic risk? In G. M. Wrobel & E. Neil (Ed.) *International Advances Adoption Research for Practice*, (pp. 71-94). Wiley-Blackwell.
- Roodin, P. (2011). Intergenerational solidarity: One of many perspectives of intergenerational relationships. *Journal of Intergenerational Relationships*, 9 (2), 121-127.
- Rueter, M. & Koerner, A. (2008). The effect of family communication patterns on adopted adolescent adjustment. *Journal of Marriage and Family*, 70, 715-727.
- Stella, A. (2010). *Avós e netos: relações intergeracionais: a matrilinearidade dos afetos*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Soares, J. (2009). *Processo de comunicação sobre a adoção: estudo exploratório junto de famílias adoptivas portuguesas*. Tese de Mestrado Integrado em Psicologia, não publicada. Porto: FPCEUP.
- Triadó, C. (1999). El rol e importancia de los abuelos para sus nietos adolescents. *Anuario de Psicología*, 31, (2).

- Triadó, C. (2000). El rol de abuelo: como perciben los abuelos las relaciones con sus nietos. *Revista Española de Geriatria y Gerontologia*, 35, 30-36.
- Triadó, C., Villar, F., Solé, C. Osuna, M. J., & Celdrán, M. (2006). Percepciones cruzadas entre abuelos y nietos en una muestra de díadas: una aproximación cualitativa. *Revista Española de Geriatria y Gerontologia*, 41, 100-110.
- Van Rast, N., Verschueren, K., & Marcoen, A. (1995). The meaning of grandparents as viewed by adolescent grandchildren: An empirical study in Belgium. *International Journal of Aging and Human Development*, 41, 311-324.
- Vanderven, K. (2011). The road to intergenerational theory is under construction: A continuing story. *Journal of Intergenerational Relationships*, 9, 22-36.
- Veleda, A. A., Neves, F. B., Baisch, A. L., Vaz, M. R., Santos, S. S., & Soares, M. C. (2006). Os significados e contribuições da convivência entre avós e netos para o desenvolvimento da criança. *Psychologica*, 43, 311-324.
- Waggenpack, B. M. (1998). The symbolic crises of adoption: Popular media's agenda setting. *Adoption Quarterly*, 1 (4), 57-82.
- Walker, A. & Fong, F. (2010). Relations between the generations: uniting the macro and the micro. *Journal of Intergenerational Relationships*, 8, 425-430.
- Wegar, K. (2000). Adoption, family ideology, and social stigma: Bias in community attitudes, adoption research, and practice. *Family Relations*, 49, 363-370.
- Wise, R. M. (2007). *Grandparent-grandchild relationships and perceptions of grandparent goal influence in emerging adulthood*. Dissertação de Doutorado. The Graduate School Syracuse University.
- Wrobel, G., Kohler, J., Grotevant, H. & McRoy, R. (2003). The Family adoption communication (FAC) model: Identifying pathways of adoption-related communication. *Adoption Quarterly*, 7 (2), 53-84.

Anexos

Anexo 1 - Análise de correlações entre variáveis relativas à vivência da adoção

	Grau de satisfação com as características atuais do neto	Repercussão da adoção nas vidas dos avós	Grau de integração do neto na família	Atribuição à adoção dos comportamentos desaquiados do neto	Perceção de felicidade do neto	Grau de satisfação com a adoção	Grau de dissemelhança entre as famílias convencionais e adotivas	Influência dos antecedentes genéticos no comportamento das crianças adotadas
Vivência da notícia e do primeiro contacto com o neto	$r=-.330^{**}$	$r=-.325^{*}$						
Grau de satisfação com as características atuais do neto		$r=-.337^{**}$	$r=-.603^{**}$					
Grau de integração da criança na família				$r=-.311^{*}$				
Atribuição dos acomportamentos desadequados à adoção					$r=-.642^{**}$			
Preocupação com o neto por ele ser adotado						$r=-.370^{**}$		
Perceção de felicidade que a adoção trouxe à vida dos avós		$r=-.555^{**}$				$r=-.315^{*}$		
Grau de satisfação com a adoção		$r=-.581^{**}$						
Importância das características físicas para a aceitação e integração do neto							$r=-.373^{**}$	$r=-.354^{**}$

* $p < .05$

** $p < .01$